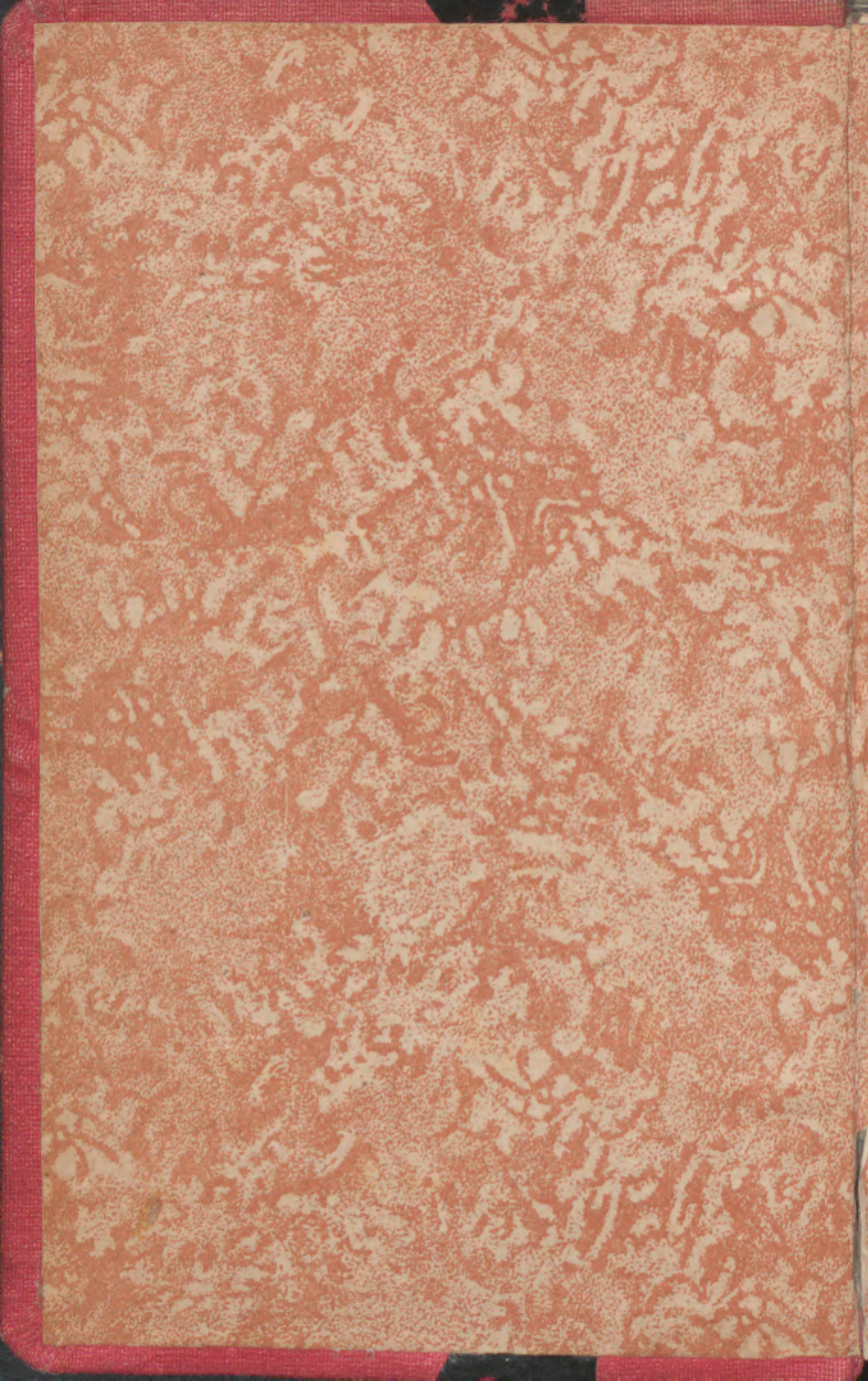
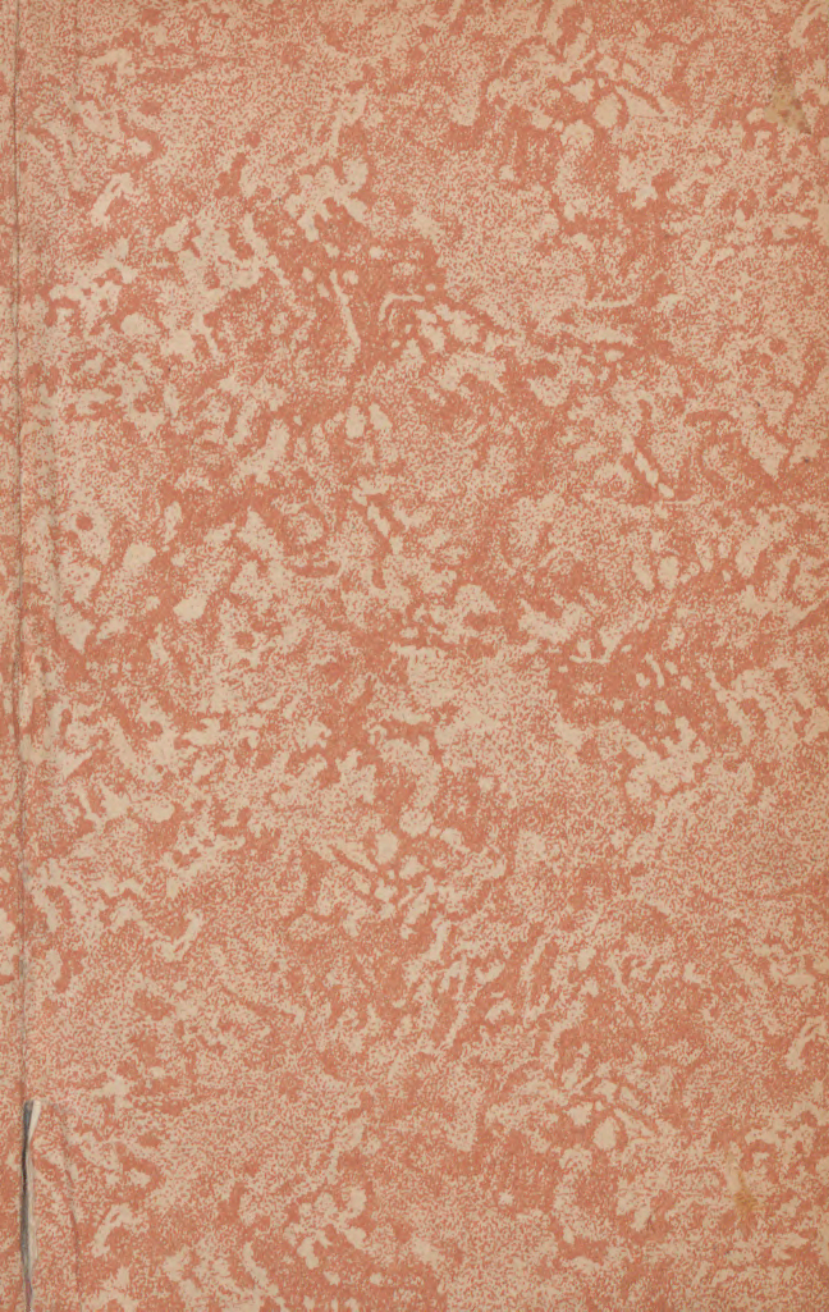
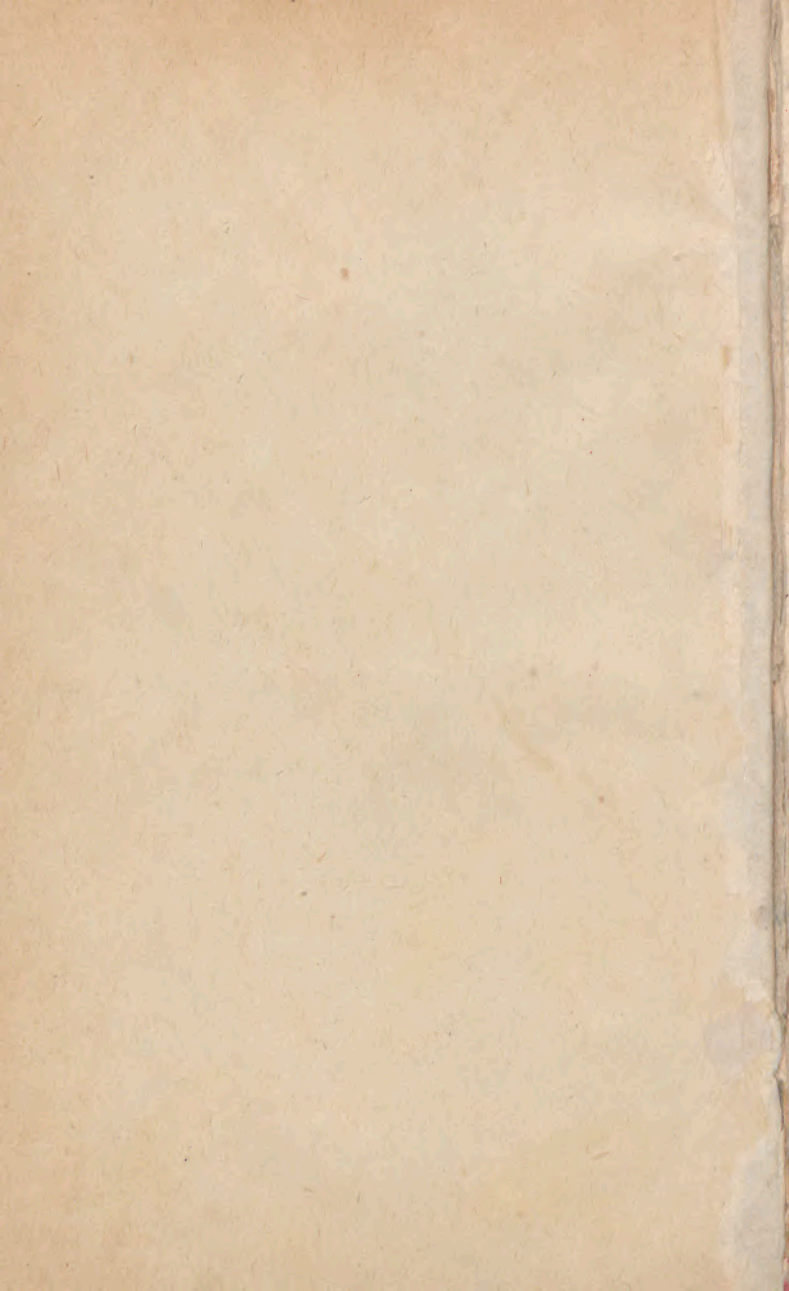




2-1 Fogaça, /







11-3-53

Antonio Fogaça

# Versos da Mocidade

(1883 a 1887)

*Antonio Fogaça*

*Coimbra*

C. M.  
 BARCELOS  
 BIBLIOTECA  
 No. 5725

*Barcelos  
 France*

COIMBRA  
 Typ. de M. C. da Silva  
 MDCCCLXXXVII

C. M. B.  
 BIBLIOTECA



1848

## Preludio

---

Abro-te, livro meu, entre os alegros  
suavissimos da noite, — sob a lua,  
num diluvio de encantos que fluctua  
pelos montes phantasticos e negros.

Vêm dos campos o aroma do tomilho,  
murmurios d'agua, virações constantes ;  
e, percorrem o Azul, como diamantes,  
docemente, as estrellas com seu brilho.

Eu quiz ler-te, ao luar, sem preconceitos,  
pelas horas da paz, antes do Sol,  
quando sonha cantando o rouxinol,  
quando os noivos se abraçam sobre os leitos.

Mas, sinto estremecer meu coração,  
vendo em ti a minh'alma hallucinada,  
ora soffrendo a Magua pranteada,  
ora escutando o Riso na amplidão.

Penso vir acordar-me a serenata  
orchestrada de lagrimas e rosas,  
onde vibram estancias luminosas  
d'uma eterna canção que me arrebatá.

É a canção do Amor ainda disperso  
pelos ceos do meu lar, os ceos risonhos  
que me encheram de fremitos e sonhos,  
quando eu era creança, junto ao berço ;

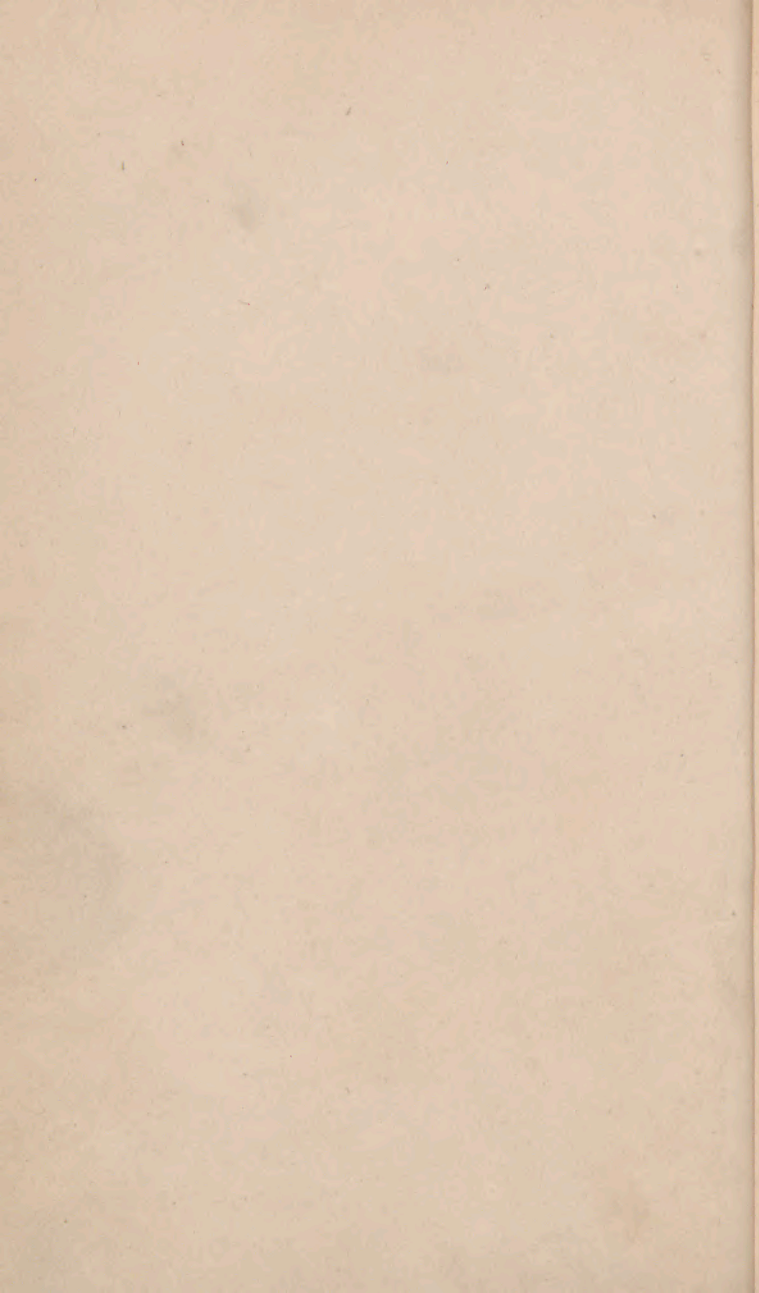
e que ainda agora, ao longe, com saudade,  
são talvez esse oasis que procuro...  
sempre a luzir na idéa do Futuro,  
sempre a cantar na minha mocidade.



Livro primeiro

---

Orações do Amor



I

Ó purissima e bella, — alva cecem,  
minha vida e meu bem;

ó purissima e triste, — amor sereno,  
meu bem e meu veneno :

ó purissima e doce, — brando olhar,  
meu veneno e meu ar;

ó purissima e santa, — alma num beijo,  
meu ar e meu desejo :

ó purissima deusa, fórma o ceo  
do meu desejo e o teu!...

## II

X

Eu não acreditava  
que simplesmente a luz d'um doce olhar  
tornasse a alma uma perfeita escrava.

Contudo, ó flor sem par,  
quando hontem, passando, tu me olhaste,  
mal imaginas que no mesmo olhar  
a alma me levaste.

## III

Não sei o que tu pensas d'este amor,  
nem, sequer, se um momento, um só que fosse,  
desejas dar allivio á immensa dor  
que esta paixão me trouxe...

É bem fundo e pesado o meu martyrio  
em que a anciedade é como um negro açoite ;  
mas quem pôde saber, formoso lyrio,  
o que o Sol pensa da Noite ?!

## IV

Eu desgraçado, eu triste, eu sonhador,  
vi-te, assim como a noiva estremecida,  
longe, no Azul, numa poeira d'oiro...

E avaro d'esse amor,  
de desejo, de balsamos, de vida,  
eu te abri o meu seio — o meu thesoiro.

Quiz viver para ti. Lutei. Meu pranto  
rolou junto a teus pés, noiva cruel;  
porem, tu, despresando o meu thesoiro  
em vez de encher-o de perfume e encanto,  
longe, no Azul, numa poeira d'oiro...  
tu o encheste de fel!...

## V

Bateram alta noite á minha porta ;  
fui abrir ; e quem era ?... Uma figura,  
de branco, muito afflicta, semi-morta...  
e que exclamava cheia de amargura :

« Sonhador ! Desgraçado !  
Ella nunca te amou !  
Ella expulsou-me do seu peito amado !  
Sou a tua alma, sou !... »

## VI

Rosas, Estrellas, Nayades, Luar,  
dizei-me vós o encanto que resume  
este santo logar  
onde eu soffro uma intima saudade  
e sinto esta harmonia, este perfume  
e este clarão de tanta suavidade!

Respondem-me, a cantar,  
as Nayades, Luar, Rosas e Estrellas:  
«É que ha pouco passou n'este logar  
essa que é bella e amas entre as bellas.»



## VII

Vem a meus braços, namorada Esposa,  
quero sentir, sonhando,  
o fluido que envolve inebriando  
essas fôrmas de rosa.

Da Ilusão e Desejo nasce a vida;  
mas eu quero morrer e descansar,  
e a posse, — flor querida,  
é como um dique subjugando um mar.

## VIII

A deusa da Esperança procurou-me  
para dizer-me : «Hei-de viver contigo,  
quero fallar-te d'ella, do seu nome  
e do teu sonho delicioso e amigo.»

Bem dita sejas tu, — exclamei eu, —  
doce ventura a nossa...

Mas, de subito, a rir-se, appareceu  
a deusa gentilissima da Troça.

Segredou-lhe e fugiram-me... De resto,  
como seguissem para a tua porta,  
tive um presentimento tão funesto  
que a minh'alma ficou-se como morta.

Ó fórma do desdem!  
hoje, a deusa da Troça — vejo-a em ti;  
mas aquella que adoro, — o eterno bem,  
— a da Esperança, — nunca mais a vi!...

## IX

Minh'alma dolorida perguntou-me :  
«quando me deixas, carne, adormecer?»  
— «Quando este coração já não tiver  
nem a ultima letra do *seu* nome.»

X

Ó rainha, ao fallares,  
se o teu labio sorri,  
da multidão os tímidos olhares  
convergem para ti.

E assim mesmo o sorriso, que, ao passar,  
nos bate em cheio em nossos corações,  
dá-nos tristeza, assim como o luar  
que illumina as prisões.

## XI

Passei na tua rua. Quasi morta  
ia minha alma, — triste mocidade!  
e, nessa hora fatal, á tua porta  
eu deixei a Anciedade.

Quiz ver se a resgatava; esta viuvez  
opprimia de dôr meu coração;  
porém, passando alli mais uma vez,  
eu deixei a Ilusão.

Voltei ainda. O amor dos meus vint'annos  
obligou-me a partir; mas, n'esse dia,  
vi rirem-se de mim os Desenganos,  
e eu deixei a Alegria.

Hoje, se por desgraça,  
tenho a passar por esse chão funereo,  
sinto medo e horror, como quem passa,  
de noite, um cemiterio!...

## XII

Era ainda creança  
e eu já via ante mim roseos castellos  
cheios de azul, de sonhos e de esperança...

Mas uma vez dei fé  
que sobre aquelles aposentos bellos...  
faltava não sei quê.

E olha, só hoje, numa vida triste,  
me lembrei que faltavam teus anhelos,  
hoje, que não existe  
nem talvez sombra d'esses bons castellos.



## XIII

Ó rosas da manhã,  
confio em vós, chorando, a vós imploro  
que, se aqui apparecer a vossa irmã,  
lhe jureis quanto a adoro.

Mas conta-me depois  
o que disse de mim, quando eu vier  
interrogar-vos sobre a minha sorte,  
como quem vae, tremendo, sem saber,  
se encontra a vida, ou se o assombra a morte.

## XIV

Cuidei que a minha sombra era a que vinha  
depois do nosso adeus junto a meus passos;  
porém — notei que havia nesses traços...  
linhas suaves que eu em mim não tinha.

Vê como o teu amor se me insinua  
e vives no meu ser. Não era a minha  
sombra, era a tua.

## XV

Às vezes, se o teu riso de sarcasmo  
percorre o meu espirito, no sonho,  
passa junto de mim, cheio de pasmo,  
um espectro medonho.

Traja um manto de noite, extraordinario,  
com estrellas sem brilho, e o seu olhar,  
lugubrememente vario,  
é plumbeo e triste assim como o luar.

Sabes tu, negro amor,  
quem seja essa visão que por mim passa?...  
— É o espectro maldito da Desgraça...  
o phantasma da Dor!

## XVI

Ó Serena e Bemdita, ó Sonhadora!  
teu coração é um delicioso cofre,  
onde o meu ser em febre se insinua...

    minh'alma chora,  
    minh'alma sofre,  
    minh'alma é tua!

Ó Santissima e Doce, Astro dos astros!  
as minhas illusões cantam em bando,  
sobre a nuvem da esp'rança, a supplicar,  
    sempre de rastros,  
    sempre sonhando,  
    sempre a ajoelhar!

Ó Sublime e Formosa e Estremecida!  
quer seja o teu amor vida illusoria,  
quer seja enfim o meu tormento eterno,  
    dá-me essa vida,  
    dá-me essa gloria,  
    dá-me esse inferno !...

## XVII

Não me seduzem perolas e oiro,  
prendas, diamantes, tudo quanto vejo;  
eu vou dizer-te, Deusa, o que desejo  
no meu thesoiro.

Muitos dirão : pobreza singular !  
Mas olha, o meu thesoiro, com franqueza,  
tudo despresa,  
tendo a firme vontade de te amar.

## XVIII

Uma nuvem que fugia...  
levou as sombras consigo;  
foi então que o sol amigo  
surgiu na noite sombria.

A nuvem — era a illusão,  
as sombras — um mar d'abrolhos...  
o sol — a luz dos teus olhos,  
a noite — o meu coração.

## XIX

Naquella tarde em que choravas tanto  
foi que senti com a paixão maguado  
desdobrar-se este amor, meu anjo amado,  
para enxugar teu pranto...

E assim foi, que essa imagem, doce mixto  
de tudo quanto aneia,  
se gravou neste amor, como a do Christo  
na piedosa toalha da Judeia.



## XX

Imaginei — que uns vultos, que choravam,  
me arrancaram do peito o coração,  
e num feretro negro m'ò levavam  
num pequenino e livido caixão.

O cemiterio branquejava ao largo  
entre os fumos da aldeia silenciosa,  
cahia sobre a terra um pranto amargo  
e desmaiava a rosa...

N'isto, a meus olhos, vejo abrir-se o céu  
e tu appareceres... E eu disse então:  
«Vão depressa buscar meu coração,  
que ainda não morreu.»

## XXI

Dizem as conchas ao mar :  
«Não queiras que desça ao fundo  
quem nos deseja roubar.»

E as aguas dizem ao mundo :  
«Olha, não mandes sondar  
o nosso abysmo profundo.»

Como as conchas, como as aguas,  
digo á minha estremecida :  
«Não queiras roubar-me a vida,  
não sondes as minhas maguas...»

## XXII

Sei que empregas os dias na canceira  
de adornar um vestido de esplendores,  
que é branco e azul e matizado a flores  
de laranjeira.

Sei de tudo que é teu, tudo que é bello,  
e anda em volta de ti, cousas que amei ;  
só do teu coração, de fogo ou gelo,  
d'esse não sei.

Vae-se acalmando a lucta em que me abrazas ;  
mas, emfim, se é tão pobre o meu amor !...  
Se te não custa, ao menos, dize, flor,  
quando te casas ?...

## XXIII

Se passas junto a mim  
triste e deliciosa,  
ao ver-te assim,  
triste meu coração se esfolha como a rosa.

Se passas junto a mim  
suavissima e loira,  
ao ver-te assim,  
suavissima luz minha existencia doira.

Se passas junto a mim  
simples e vencedora,  
ao ver-te assim,  
simples o meu amor se ajoelha e te adora.

## XXIV

Deus mandou-te dos ceos, Visão querida,  
como um raio de esperança  
que me viesse suavisar a vida.

Deixa-me ver teus olhos rasos d'agua,  
teu floreo corpo, ó tímida creança,  
e a tua alma gentil cheia de magua.

Já que tu vens de Deus,  
essas bellezas quero conhecêl-as,  
como se eu proprio andasse pelos ceos  
entre o Azul, as Nuvens e as Estrellas.

## XXV

Hei-de dar-te um palacio com mil portas,  
que encerre tudo quanto phantasiarmos :  
— rosas, volupia, musica, affeições...  
A porta mais pequena é para entrarmos,  
e são as outras para as Illusões.

## XXVI

Junto a meus pés abrira-se um vulcão,  
e só de olhar aquelle forno adusto,  
— ao que nos leva ás vezes a illusão! —  
estremeci de susto.

Vi que apparecia ao longe o teu vestido  
simples e alvinitente ;  
vinhas direita a mim, mas, de repente,  
sorveu-te o abysmo, sem um só gemido...

Comtudo, afflicto, do vulcão ciumento,  
minha açucena imbelle,  
não hesitei um unico momento,  
e sem terror precipitei-me n'elle.

+

## XXVII

Eu chamei o meu Sonho e a tua Esp'rança ;  
e, ao lançar-lhes a benção d'este pranto,  
dei-lhes por leito o ninho do teu seio ;  
                    d'esse connubio santo  
foi que nasceu nosso primeiro aneio.



## XXVIII

Quando o mundo phantastico da sombra  
vaga na noite escura,  
sinto ás vezes um peso que me assombra  
esta existencia cheia de amargura.

Mas nisto uma Visão resplandecente,  
sempre a sorrir, como quem é feliz,  
sobre a face me beija docemente  
e diz-me assim : «Que te entristece, diz' l»

Ó minha santa e verdadeira amiga,  
bemdito coração ;  
bem sei, tu não precisas que eu te diga  
quem seja a doce e matinal Visão !...

## XXIX

Lyrio de Graça  
mixto de sonho e desejos,  
dá-me os teus beijos.

A vida passa...  
mas bem precisa o calor  
d'esse amor!

Rosa dos ceos,  
bem dita innocencia calma,  
dá-me a tua alma.

O proprio Deus  
não existiria, flor,  
sem o amor.

XXX

X

Deparei com a Morte e interroguei-a :  
«Quando é que ao certo devo acompanhar-te?»  
Diz-me ella, sempre a caminhar na estrada :  
«Vae perguntar á tua namorada  
quando faz conta de deixar de amar-te.»

## XXXI

Creio no que tu crês;  
porisso escuto o que essa voz me diz,  
e te ajoelho assiduamente aos pés.

Creio no teu sorriso;  
e sinto-me, se o vejo, — tão feliz,  
como junto do sonho que idealiso.

Creio no teu olhar;  
é elle que me rasga, glorioso,  
as mil portas do ceo de par em par.

Creio em teu coração;  
que, enfim, é como um templo magestoso,  
onde eu adoro a propria Adoração.

## XXXII

Eu já fui rei num sonho abençoado ;  
    todo o mundo era meu ;  
e, ao sentar-me no throno constellado  
de mais brilho e mais oiro do que o ceo,  
    tinha-te sempre ao lado.

    Mas acordo do somno...  
e vae depois roubaram-me esse throno ;  
    olho, já nada tinha,  
nem tinha o mundo, nem te via ao lado ;  
e eu não chorei o throno constellado,  
    chorei só a rainha !

## XXXIII

Sou teu... Tu me embriagas como o vinho.  
Emfim, só posso amar quanto quizeres ;  
se até sinto que todas as mulheres  
desejam arrancar-me ao teu carinho...

E sabes tu porque, — pomba do ceo ?  
é que ao doce expandir d'esta paixão  
não pulsa em mim o proprio coração,  
pulsa o teu !

## XXXIV

+  
Sonhava, mas de subito uma Estrella  
caiu-me sobre o leito  
e disse : «A minha luz immensa e bella  
vem aclarar as sombras do teu peito.»

Mal podendo fitar brilhos do ceo,  
eu respondi-lhe então ;  
— ou, na verdade, até quem respondeu  
foi meu cansado e triste coração :

«Volta ao seio do Azul, formosa Estrella,  
eu te agradeço a luz e o teu sorriso,  
bem vês que sobre a terra não preciso  
mais que dos olhos d'ella.»

2

## XXXV

Meu coração, um mar convulsionado  
por tudo quanto um doido amor padece,  
nunca se esquece  
do que soffreu nas trevas ignorado.

Mas, ha dias, banhou-me o teu olhar,  
e tanto bem me trouxe ao coração  
que desde então  
sumiu-se a treva e serenou-se o mar.



## XXXVI

Penso ás vezes que escuto uma harmonia  
tão formosa, tão doce, tão suave,  
                    como um cantico d'ave,  
longe, nas selvas, ao romper do dia.

E fico-me a scismar:  
donde virão á minha soledade,  
com tanto amor, com tanta suavidade,  
                    essas notas sem par?!

Ó graciosa illusão dos meus desejos,  
                    cofre da minha esp'rança,  
essa harmonia é apenas a lembrança  
da musica bemdita dos teus beijos.

## XXXVII

Uma noite na relva perfumada  
do meu jardim fui-me deitar tristonho.  
Talvez sonhando, eu cria que era sonho  
tua immensa belleza, ó minha amada !

Emquanto, vendo os astros que brilhavam,  
scismava, a sós, na magua inconsciente,  
percebi, que, a meu lado, tristemente,  
brandas vozes fallavam.

Voltei-me... Eram as Rosas ; não me viam...  
mas, surpreso, escutando, vi que entre ellas  
se fallava em teu rosto. Assim diziam  
essas Rosas tão bellas :

«Se o Ceo havia de creal-a! e emfim...  
vir mostrar-nos depois a sua face  
antes nunca creasse este jardim,  
antes não nos creasse!»

## XXXVIII

«Disseste-me que adoras essa estrella,  
— notou-me alguém, — no entanto ainda não vi  
que ancioso e sempre procurasses vel-a.»

Porém, eu respondi :

«Deus não se vê, mas sente-se... E então,  
como é Deus para mim essa mulher,  
não preciso de a ver,  
sinto-a no coração.»

## XXXIX

Sorraste-me, — não era de costume...  
E alegre e hallucinado,  
pensei enfim no dia do noivado  
que é cheio de belleza e de perfume.

Pensei naquelle amor que nos abraza,  
na alvura do teu peito,  
no sonho, no prazer, no nosso leito,  
no que havia de ter a nossa casa.

Vê tu que paraiso  
num teu simples sorriso!

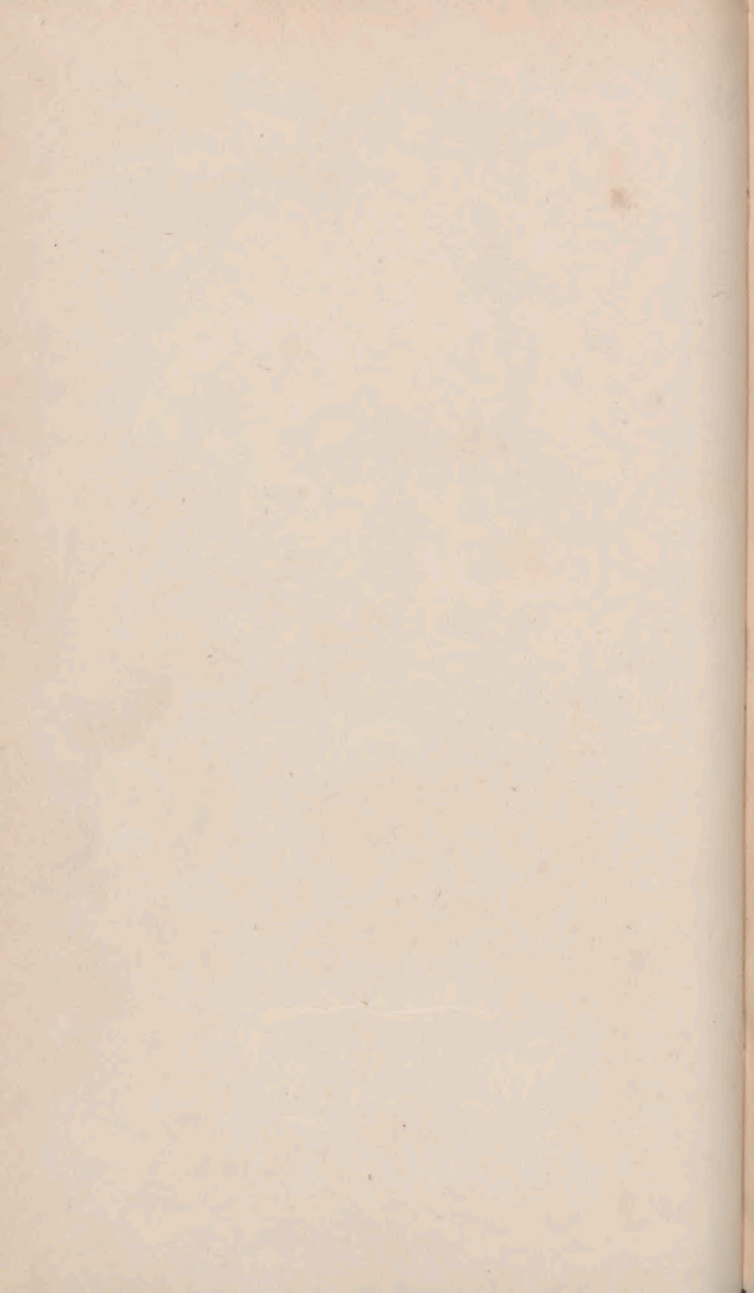
## XL

\* \* \*

A ti, mulher suave,  
alma ingenua de lyrio,  
seio alvissimo d'ave;  
amor santo, benefico, insuspeito,  
que foste no passado o meu martyrio,  
mas que és hoje a alegria d'este peito  
onde vibram num só dois corações;  
a ti, branca Visão, com quem me deito  
e com quem me alevanto,  
a ti, que em riso converteste o pranto,  
eu consagro estas simples orações.

*J'ai fini et mon cœur n'a pas fini!*

MICHELET.





Livro segundo

---

Magua e Risos

1874

A

MINHA MÃE



A

MEUS IRMÃOS



Primeira parte





## Em defeza

---

Disseram-me que eu sou hallucinado e triste,  
que a febre que subjuga, e uma dor que persiste,  
violenta, a dominar meu sonho angustiado,  
é tudo quanto deixo em versos espalhado:  
que tenho dentro em mim um cemiterio immenso  
onde as ondas cruéis d'um nevoeiro intenso  
não deixam que me aqueça um raio só de luz:  
que á minha cabeceira eleva-se uma cruz  
como nos mausoleus; e que, se alguma vez  
desejo colorir a immensa pallidez  
que estaca fielmente em tudo quanto escrevo,  
se descobre a traição no morbido relevo  
das maguas que a tristeza á penna me transporta...

Pois minh'alma estará sem brilhos, quasi morta?  
Pois terei de enterrar, assim como quem lança  
diamantes á cova, a flor da minha esp'rança?!  
Direi em breve tempo ao coração: perece!...  
são horas de entoar a derradeira prece?!...  
Farei da mocidade um quadro degradante?!...

Não póde ser! Eu sinto a perola brilhante  
da Alegria — a rolar dentro do coração.  
Não desprezei ainda a glorificação  
de ter junto dos meus os olhos que desejo.  
Nunca senti ninguem trahir-me no seu beijo.  
Não sou dos que na luz andam na retaguarda;  
nem visto ao pensamento a respeitosa farda  
que acompanha, em silencio, os carros funerarios.  
Os meus olhos não são uns humidos sudarios  
reflectindo ao luar as laminas fataes...  
Não tenho por costume ir ver os hospitaes  
quando é clara a manhã no decorrer de Maio.  
Nunca para sorrir necessitei de ensaio.  
Não procuro da Magua a origem mais sombria,  
nem a Dor me venceu, nem faço a apologia  
da Lagrima que rompe, a fundo, nas paixões.  
Pois que, para esquecer as pallidas Visões  
que arrastam pelo Azul o espirito doente,  
como um barco sem luz num lago resplendente,

ou para ambicionar os ideaes mais bellos :  
para vermos a Musa envolver nos cabellos  
grinaldas e festões com diamantes e prata,  
sorrindo, a dominar, num olhar que arrebatava...  
para expellir do Sonho as nevoas da amargura :  
para antever, sem luta, a propria sepultura,  
o tenebroso, o abysmo, o vago, os desenganos,

hasta encarar o Sol e ter feitos vinte annos.

Porém, como não ha clarões continuamente,  
embora, pelo Azul, em flamulas rebente  
a aurora, no esbater dos lumes multicores,  
como tambem existe inverno para as flores,  
como nem sempre é clara a face do alabastro,  
nem vemos esplendor, nem reflexo, nem astro,  
que não traga comsigo a franja da penumbra,  
como um branco horisonte ao por do sol se obumbra,  
a minh'alma tambem, num intimo gemido,  
descobre, a seu pezar, um ponto denegrido  
na harmonia da luz que lhe palpita dentro...

É assim, que, alguma vez, as lagrimas concentro  
na vida, se o chorar me afflue ao coração.

Póde um verso ser triste e hilariante a Canção!...

## O frade

---

A Machado de Almeida

Este santo que passa, — salvo seja, —  
que em tempos fôra um D. Juan tonante,  
e tinha uma abbadessa por amante,  
e tratava de resto a sua egreja ;

que outr'ora fez satanicos papeis,  
com ciume das bellas desposadas,  
e era encontrado á flor das madrugadas,  
ou saindo da adega ou dos bordeis ;

homem de phrases espirituosas,  
retalhadas á foice do epigramma,  
que se banhava ao levantar da cama  
numa essencia carissima de rosas ;

elle — que fez a inveja dos janotas  
e foi sempre um risonho perdulario  
e era um cynico, um *ponto* extraordinario,  
esperado com ancia nas batotas ;

elle, o sadio, — o amado das donzellas,  
que encerrava na alma as sete cores  
quando as levava a um leito de esplendores  
e lhes narrava as noites de Odivellas ;

o mesmo que, ao sentir, cioso e bruto,  
d'uma creança um beijo inconsciente,  
mordia os labios gloriosamente,  
como um gaiato que appeteece um fructo ;

typo bohemio, frade sem clemencia,  
padre sem missa e sem dobrar o joelho,  
este grande maroto, estando velho,  
vem agora fallar-me de consciencia...

Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes;  
foi porisso, talvez, que o velho exangue,  
sentindo a idade a resfriar-lhe o sangue,  
abandonasse as freiras e os ciumes.

Porem — torpe velhice a d'este infame,  
que ás veneras que vende em seu proveito,  
sem remorso, sem honra e sem respeito,  
anda fazendo com sermões — reclame.

Tem ellas seus effeitos sempiternos...  
E diz elle que usando-as ao pescoço,  
e resando-se ao dia um padre nosso,  
livram todas as almas dos Infernos.

Em quanto passa — as rudes multidões  
como o vêem assim velho e curvado...  
descrevem-lhe que a nodoa do peccado  
lhes ennegrece a flor dos corações.

Mas o frade a sorrir, sondando a magua,  
dá-lhes conselho e penitencia, á bruta,  
e vende áquella gente que disfructa,  
para a limpeza, seis garrafas d'agua...

Ainda tem outro officio muito á mão  
— o da bulla das carnes e dos peixes;  
porque a Alma sem ella — que escabeches!  
fica avinhada numa excommunhão !...

Tão corcunda que é, nem olha os ceos;  
pára, recúa, precavendo assombros...  
bem como se levasse sobre os hombros  
d'um lado o Diabo, do outro lado — Deus.

## Seis annos

---

Belleza em miniatura!  
De certo não ha rosa,  
que tenha mais frescura  
e seja tão mimosa...

Ao vel-a fica a gente  
soffrendo um certo enleio...  
que talhe surprehendente!  
que pequenino seio!



Filhita, se tu vaes  
crescendo assim, então...  
que sonhos de ventura!...

Então... nem digo mais,  
Silva do coração,  
Belleza em miniatura!...

### Madrigal profano

---

Adoro-te. Por ti meu coração maguado  
é o escravo fatal dos intimos pezares ;  
eu bem sei que nem sou, nem hei de ser amado  
no teu reino, que excede, ó Deusa do peccado,  
toda a grandeza e a alma athletica dos Mares !

Mas, se te adoro... Emfim, só peço que ao Amor,  
consintas, que uma vez ajoelhe aos olhos teus,  
que brilham como a Gloria e desprezam nos ceos,  
rebaixada, odiando os teus encantos, flor,  
toda a pompa do Sol a chorar-se com Deus !

## Pepita

A Julio Soller

Ó bailadeira formosa,  
errante de praça em praça,  
de linhas feitas de rosa,  
e gestos feitos de graça ;

*salero !*

no toque da pandeireta.  
Canta na tua desgraça,  
chora no teu desespero,  
que a turba brada facêta :

*salero !*

O que lhe importam, Pepita,  
as tuas maguas secretas ;  
se o coração as agita...  
os olhos das violetas  
que chorem.

Invejar-te-hão com raiva  
as tranças nedias e pretas...  
Mas que essas maguas deplorem  
já não ha peitos, qu'eu saiba,  
que chorem.

Pelo azul da aspiração...  
quantos raios desprendidos !  
Deixas os sonhos partidos  
a quem traz o coração  
de luto...

Ó minha pallida filha,  
na fôrma de teus vestidos,  
— tristonho lyrio impolluto, —  
anda a altivez de Sevilha  
de luto.

Se o pranto nunca repousa,  
peor é a vida que a morte :  
ao menos busca uma lousa,  
que é mais tranquillã que a sorte,  
Pepita.

Essa belleza tamanha,  
sem amor, sem luz, sem norte,  
vergou á dôr e á desdita...  
Ai, que saudades da Hespanha,  
Pepita !

Que santo amor virginal  
vagará, triste, por ti,  
nas salas do Escurial,  
ou nos jardins de Madrid,  
chorando ;  
se, emquanto vaes na miseria,  
divertindo a quem sorri,  
loucas, perdidas em bando,  
erram as pombas da Iberia,  
chorando.

Estende a mão para a esmola  
ao povo que anda na praça  
a vêr o tom da hespanhola,  
dançando e rindo com graça.

*salero !*

no toque da pandeireta !...  
Canta na tua desgraça,  
chora no teu desespero,  
que a turba brada facêta :

*salero !...*

### Cofre natural

Eu perguntei á minha namorada  
onde é que as minhas cartas escondia,  
sendo ella tanto e tanto vigiada...

Deu-me o ceo num sorriso de alegria,  
e então, olhando a porta do visinho,  
e vendo que ninguem apparecia

que nos pudesse ver sobre o caminho,  
fitando-me, corou, num vão receio,  
mas em seguida, disse-me baixinho :

«Eu não sei o que sinto quando as leio,  
e para que ninguém mais as possua,  
escondendo-as aqui dentro...» E abriu-me o seio...

Não é mais doce a palidez da lua!

## A mulher-estátua

---

A Julião Felix Machado

Como o brilho em seu rosto é apenas reflectido  
não doira os corações que se approximam d'ella;  
lembra um rasto de luz, que, á noite, alguma estrella  
deixasse pelo Azul, entre as nevoas perdido.

O perfume glacial que o seu contorno invade,  
não lhe pertence. Um poeta amante e hallucinado,  
como quem a Illusão envolve na Saudade,  
ao expirar, beijando-a, o deixou perfumado.



A vida que percorre, as feticias paixões  
e quanto vemos nella a rir, num ar violento,  
são lances d'um radioso e alheio sentimento,  
pertenceram outr'ora a muitos corações.

Não estremece o amor dos sonhos mais dilectos,  
sendo a dona cruel dos palacios do Encanto,  
ao ver junto a seus pés um exercito de affectos  
encher-se de surpresa e recuar de espanto!

Se o Artista que sente a magnetica impressão  
de vel-a, deslumbrado o seu genio transforma...  
— impossivel! — tentando apprehender-lhe a fôrma  
perde, como num sonho a altiva concepção...

É triste como a nevoa e fria como o gelo;  
e attrahente e distincta e simples e formosa.  
Não mostra como os Soes brilhos no seu cabello,  
em seus labios não ha dons carmineos de rosa.

Na esphera que a circunda anda um clarão eterno  
que é feito d'um olhar suspenso, que a adorára  
e imprime um tom violeta á sua carne clara,  
mais traidora, talvez, do que o luar do inverno.

Esplende com a pompa e o ar da antiga Venus,  
mas sua alma é vasia, o seu gesto opprimido;  
e como que ha na luz dos seus olhos serenos  
a moribunda paz do espirito abatido.

Mas o Amor, quando a admira e vê, como se a morte  
beijando-a, congelasse a belleza inconsciente,  
vibra em nós, em delirio, extraordinariamente,  
sequioso e fatal como os ventos do Norte.

E apesar d'isso, em febre, — incansavel desejo!  
ai! quem nos consentira, a sós, pelo luar,  
como em negro fadario e humilimo cortejo,  
com os olhos no chão, ir-mos pol-a no altar!...

## O fumo

*(Velho thema)*

---

Do meu quarto, que dá sobre uns quintaes,  
descubro todo o bairro; e muita vez  
vejo evolar-se o fumo em espiraes  
das negras chaminés.

Quando vou á janella, ao Sol poente,  
horas em Junho de accender os lares,  
meus olhos vão seguindo longamente  
o fumo pelos ares.

E penso ver formarem-se, na vasta  
immensidade, esplendidas imagens;  
até que o fumo pelo Azul se gasta  
nas mais altas viagens.

Todo este quadro é tão banal, que então  
chego a rir-me de mim, do que resumo  
na minha eterna e doce aspiração...  
que se assemelha ao fumo.

X

Lyras

---

Tu sabes o que era o Mar  
antes de andar agitado?...  
Era um lago subjugado  
da morbidez d'um olhar  
que o trazia apaixonado.

Porém, um dia, o luar  
que era a luz d'aquelle olhar  
não veio como o costume  
apagar todo o ciúme  
que andava dentro do Mar.

E esse abysmo que não sondas,  
foi então que embraveceu,  
e levantou para o ceo  
as imprecações das ondas,  
quando o luar se escondeu.

Hoje essa massa inquieta  
batida pelas saudades,  
vendo que a lua indiscreta  
tomou novas amizades,  
fôrma as loucas tempestades.

E nós, ouvindo-as passar,  
crêmos que o Mar é um malvado,  
e no emtanto o pobre Mar  
não me parece o culpado ;  
o culpado é aquelle olhar.

Assim, vendo essa tristeza  
que paira por sobre as aguas,  
eu imagino, princeza,  
que me endoidece com maguas  
teu olhar, se me despreza...

Por isso na grande lida  
do meu caminho de abrolhos...  
te peço em voz dolorida:  
que antes me tires a vida  
do que me escondas teus olhos.

### No quarto de Laïs

---

É de volúpia o leito em que adormeço.  
Roçam-me a carne beijos e plumagens.  
Alvo colar de perolas sem preço  
desata, a espaços, uns clarões selvagens...

Batem da Lua os raios no collar.  
Sinto o teu corpo, — um divinal thesoiro;  
e lembram-me essas fôrmas, ao luar,  
folhas de lyrio com vislumbres de oiro.



Na purissima tez, fresca e vivace,  
que só de olhal-a fica um peito exangue,  
tens uns veios azues como se andasse  
uma saphira a percorrer-te o sangue.

Com tuas fórmas idealiso o harem.  
Deslumbrantes houris, meu sonho inerme,  
não têm os brilhos que os teus seios têm  
na penugem doirada da epiderme.

Dá-me essa taça cheia de segredos...  
esses contornos flaccidos de arminho,  
deixa que eu gose os teus encantos lédos,  
como quem sorve um delicioso vinho.

Que sede eu tenho quando nos abraça  
um balouçar suavissimo de rede...  
porém, se bebo da iriada taça,  
fico-me sempre com a mesma sede.

\*  
\*   \*  
\*

Cerro meus olhos languidos de leve.  
Fazem-me doido uns labios tão vermelhos.  
Como a dois travesseiros côr de neve  
justa-se a branca roupa aos teus joelhos.

Repoiso então sobre esses travesseiros;  
pois, se te abraço, pomba, desfalleço.  
Da aurora fulgem os clarões primeiros.  
— É de volupia o leito em que adormeço.

## Nova Pandora

---

A José de Lemos e Napoles

Nuns tempos lacrimaes que amargamente lembro,  
scismando, junto ao mar, nas tardes de Setembro,  
se o ceo estava claro e o horisonte em calma,  
quando a illusão, a rir, fluctuava em minh'alma,  
eu ia-me sentar á sombra d'essa olaia,  
onde a primeira vez meus olhos te beijaram.

Ai que recordação no meu azul desmaia!  
Que tristezas, mulher, meu peito repassaram!

Tu vinhas sempre alli, ao solitario abrigo,  
e olhando, como quem repara num mendigo

que a teus pés desfiasse a vida soluçante  
sob esse olhar, que fere assim como um diamante,  
passavas a cantar, — sonho d'amor desfeito,  
sorrindo e desfolhando uma flor que em teu peito  
trazias sempre e que eu secretamente odiava...  
Porém, se d'este olhar teu vulto se afastava,  
sonhando, eu recolhia as folhas despresadas,  
bem como, se, perdido em horas constelladas,  
julgasse, em plena aurora, um bando de esperanças,  
reflectidas da luz d'essas mimosas tranças,  
sentir pairar, vagar, errantes na alma inquieta...  
Mas como de Pandóra a gelida boceta  
— esse mau coração — um tumulto supponho,  
mais frio do que a neve e vago como o sonho,  
uma a uma enterrou-me as santas illusões,  
que eu escondera em vão, estremecendo-as tanto,  
deixando-me, cruel, como recordações,  
o pezar, a amargura, o desalento e o pranto.

Comtudo, se te encontro agora e te comparo  
á Estatua juvenil, — ao monumento raro,  
formosura que encheu de mal o nosso globo,  
agora, se recordo aquelle amor — um bobo

---

do teu desdem que vive alegre e triumphante,  
envenenando a rir o coração do amante,  
ferido d'essa voz, na sua dôr tremendo ;  
se ainda num olhar tanta belleza abranjo,  
então eu penso bem, e claro comprehendo

como Plutão é um deus e Satanaz é um anjo.

## Artística

---

A Manuel Monteiro

Embebida do azul adormecia  
no morbido languor d'uma ottomana,  
como formosa e lubrica sultana  
sobre nuvens de rosas e harmonia.

Mil contornos d'um tramite sereno  
desenhavam-se em brando magnetismo...  
Seus olhos tinham sombras como o abysmo  
e seus labios uns filtros de veneno.

O perfil era olympico ; e suspensa  
d'uns effluvios excentricos, divinos...  
dava a idéa dos typos florentinos  
burilados ao sol da Renascença.

Vindo-lhe a côr ás faces ebriamente,  
talvez pela pressão d'um goço breve,  
fazia recordar dois ceos de neve  
banhados d'um suavissimo nascente.

E no emtanto esta perola de artista,  
perdida nuns momentos deliciosos,  
sonha apenas co'os beijos venenosos  
d'um famoso Tenorio guitarrista.

## Estancia da Carne

---

Minha deusa !... O desejo, o amor, a inspiração,  
— tres verbenas que têm a raiz no coração, —  
a epopeia da gloria e as visões que idealiso,  
tudo eu vejo a boiar no teu simples sorriso,  
que é como a placidez d'um occaso sereno.  
Mas, para tanta luz, este affecto é pequeno...  
Abre-me as azas, pomba, abre o teu peito ancioso ;  
deixa erguer-se-me n'alma a flamula do goso  
ao pensar que te beijo, ao scismar que te abraço...  
e que me envolve a carne um velludineo braço  
tão azulado e nú, que appetee mordel-o.



Deixa-te desnudar, desprender-te o cabelo,  
e arrancar-te, sonhando, as vestes perfumadas...  
Não é herança do Occulto a belleza das fadas!  
Nem as Rosas, nem Deus, Miguel Angelo ou Rubens

honrariam o Sol quando está entre nuvens!

## Spleen

---

Onde eu quero viver,  
loira mulher, ó flor do Desfastio,  
não é num ceo d'encantos, rosicler ;  
onde eu quero existir é simplesmente  
num coração vasio,  
que é feliz quando eu choro, e sempre frio,  
e sempre triste quando me presente.

Nelle não ha disvellos,  
nem ideaes, nem luar, som ou perfumes ;  
um dia, que eu quizesse mostrar zelos,  
não acharia de que ter ciumes.

Quando penso que o calco, e se renova  
o amor que elle não vê,  
passa por mim uma alegria extranha.  
Perguntas-me porque?...  
— É que em teu coração — a minha cova —  
nem ha teias d'aranha.

## Visão d'um leito

---

A José Luiz Sardinha

Eil-a dormindo! Como a branca espuma  
que deslisa ao quebrar d'uma onda enorme,  
é seu leito tão flaccido... que, em summa,  
lembra uma concha onde a Volupia dorme.

Cerrado o olhar, um ceo de ignoto enleio,  
o seu corpo febril me surprehendeu...  
nudez do acaso, enfim, um ceo que veio  
como a supprir os lumes do outro ceo.

Fórma suave, branda, aurea - divina...  
— ceo para os labios, flor que em sonho amado  
de purissimos gosos se illumina,  
sob um clarão de luar doce e azulado.

E eu sem poder tocar naquella face...  
nem conseguir ao menos esquecel-a!  
Eu — como se este olhar, triste, ficasse  
a vida inteira condemnado a vel-a!...

Vel-a sem a beijar, — fosse de leve!  
voluptuosa, entre illusões e alvares,  
como um raio do Sol doirando a neve,  
como um perfume sobre um mar de flores.

## Á Duvida

---

Sombra ou Phantasma, que passas,  
e vens das lutas eternas!  
é mais medonho o teu dorso,  
que a escuridão das cavernas  
onde só vive o Remorso.

Imitas bem a penumbra.  
Nessa missão dolorida,  
para seguir o teu norte,  
precisas da luz da Vida  
junto da treva da Morte.

Que fazes por sobre a terra,  
quando a batalha é mais negra  
e são as nevoas mais densas?  
Teu riso porque se alegra  
ao combater-nos as crenças?

Não desesperes a mente,  
já que, zombando dos ceos,  
sem fé, sem paz, sem criterio,  
pões entre os homens e Deus  
um teu sorriso — o mysterio...

Em vez de abalares a Alma  
com esses olhos absortos,  
despresa as lutas eternas,  
segue o caminho dos mortos,  
vae habitar as cavernas!

## Phantasia nostalgica

---

A Fialho d'Almeida

Aves, que ao despertar,  
voaes, batendo as azas pelo espaço,  
eu desejo, sem maguas, encostar  
minha cabeça a um seio de velludo,  
                          como o vosso regaço ;  
seio mais branco do que o nenuphar ;  
seio onde em beijos se transforme tudo.

Desfolho em sonho a flor do desvario...  
Vem surgindo a manhã. Cantam as festas  
que hão de alastrar-se pelo azul sombrio,  
doirando a Sol os ninhos e as florestas.



Nunca mais chorarei; que o pranto, enfim,  
faz avivar tão fundas cicatrizes  
nessas saudades, que a memoria estampa,  
que eu penso para mim,  
que, isto de recordar tempos felizes,  
é quasi como abrir a propria campá.

Contudo, como sombra derradeira...  
ainda sinto a paixão!...  
Anda em luta a minh'alma aventureira...  
Trazei-me vós a paz do coração.  
Trazei-me vós o ramo da oliveira.

Muito longe deixei a minha amada.  
Eil-a sósinha, num paiz distante,  
mas sempre com a fronte emmoldurada  
das benções que lhe dera o seu amante.

Já perdido de Deus, perdida a fé,  
trarão seus olhos uma rosea aurora...  
pois só deslumbra a luz quando se vê  
e Deus só se conhece em quem se adora.

Fórmás da minha flor são tão serenas,  
quero dizer graciosas... Tão perfeito  
tem ella em miniatura o vulto ardente,

que uma pomba sómente  
póde occultal-a nas eburneas penas  
e trazel-a, voando, junto ao peito.

Ide buscal-a, ó aves virginaes,  
á região das illusões sonhadas;  
como é leve e gentil não precisaes  
d'azas aglomeradas...

Hei de encher de perfume os seus desejos,  
sentir no peito a gloria que inebria,  
adoral-a, prender-me ao seu cabello;  
que, á falta dos meus beijos,  
talvez ande sem brilho, sem poesia,  
mais frio do que o gelo.

Aves do Paraiso,  
então vereis a minha musa em festa!  
Vereis assim de amor entontecer-me,  
o limpido sorriso,  
o beijo que arrebatá  
d'essa que tem a alma e a epiderme  
tão formosa, tão branca e tão modesta,  
como um jasmim pulverisado a prata!...

---

### Contraste amoroso

---

Penso, vendo-a passar alegre, e assim  
troçando o amor, numa expressão singela :  
— «pois esquecer-se-ha tanto de mim  
quanto o meu coração se lembra d'ella?..»

E quem me diz, se ella pensou, naquelle  
mesmo momento em que a minh'alma arrasta:  
— «pois nunca me verei tão longe d'elle,  
quanto o meu coração d'elle se affasta?..»

## Às portas de Corinto

---

És para os olhos, deusa, a mais formosa;  
és para o tacto a sensação violenta...  
és da Volupia um fructo côr de rosa,  
teu halito adormenta.

Dá-me um vinho tão loiro como a luz  
que o Sol espraia sobre o azul do mar,  
faze crescer em mim o goso a flux,  
e deixa-me sonhar.

Minh'alma anda a vestir-se de esplendores ;  
quer conhecer, ó planta envenenada,  
num leito excepcional, de madrugada,  
a embriaguez das flores.

Desejo amar-te ao menos por instantes ;  
rasga, despe o vestido — esse thesoiro  
de gaze branca e azul, bordado a oiro,  
aljofres e diamantes.

Quero sentir-me preso dos teus braços,  
perfeitos como um sonho esculptural ;  
deixa que eu suba em languidos abraços  
a um roseo mundo ideal.

Mas depois, cortezã, ó flor da escoria,  
quando eu tombar exausto, amortecido,  
lança-me á valla, eu devo ter morrido  
ebrio de goso e gloria!...

flor  
am

## Para a guitarra

---

A Santos Mello

### I

Vão as pombas pelo ceo,  
vão as canções pelo ar,  
vae na dança, junto ao meu,  
o coração do meu par.

### II

Se eu chegasse a ser estrella  
e a brilhar no azul dos ceos,  
eu dava todo o meu brilho  
só por um beijo dos teus.

## III

Quando me tentas fitar  
meu peito envolve-se em dor,  
que os raios do teu olhar  
são como espinhos de flor.

## IV

Meus olhos sentem-se presos,  
mas não choram na prisão;  
deixal-os andar, deixal-os,  
presos no teu coração.

## V

Perguntou-me um labio amado  
porque não choro e só canto:  
— É porque eu guardo o meu pranto  
para chorar o passado.

## VI

Póde soluçar o lyrio  
e o branco jasmim florente;  
chore quem quizer, eu canto  
porque me sinto contente.

## VII

A luz, que tem sete cores,  
com ellas não me seduz,  
que o olhar dos meus amores  
é mais brilhante que a luz.

## VIII

Lanço meus olhos em volta,  
lanço beijos em redor;  
eu quero ver se conheço  
o rosto do meu amor.

## IX

Quero envolver-me nas maguas  
do teu seio que perfuma,  
como se envolvem na espuma  
as plantas filhas das aguas.

## X

Por entre tantos enlevos  
o teu olhar é um enleio...  
como uma pombinha branca  
que vem poisar no meu seio...



## XI

Na treva que me conduz  
teus sonhos não me perfilham,  
porém de noite é que brilham  
estrellas cheias de luz.

## XII

Embora nasçam abrolhos  
no nosso amor em botão,  
meus olhos não deixarão  
de se encontrar com teus olhos.

## XIII

Neste mar que tu não sondas,  
anjo, que sonho em meus braços,  
imagina quantas ondas,  
quanta luz, quantos abraços.

## XIV

O teu olhar, que derrama  
luz e brilhos como a aurora,  
tem a expressão de quem ama  
e a tristeza de quem chora.

## XV

Eu ando, doce creança,  
como quem nos olhos teus  
achasse abertos os ceos  
cheios de luz e d'esp'rança.

## XVI

Olha, se choro e te escuto,  
que o diga o meu coração,  
que anda em viagem, de luto,  
nos areaes da Illusão.

## XVII

Eu paio nesta anciedade  
bem como as aves no mar  
cançadas da immensidade  
e sem ter onde poisar.

## XVIII

Minha amante, um teu affago,  
retrata-se neste amor,  
como se espelha uma flor  
nascida á margem d'um lago.

## XIX

Quando vejo a tua fronte  
sinto ciumes ao vel-a...  
mas, nem eu só ando assim,  
disse-m'ó ha pouco uma estrella.

## XX

A dança é um elo d'amores  
feito d'um sonho doirado;  
cada par são duas flores,  
e cada abraço é um noivado.

## Cor de rosa

---

Não sei, Minha Senhora, se o seu rosto,  
que a minh'alma adivinha de esplendores,  
rouba ao luar a fimbria do desgosto...  
se é como a espuma, o Sol, ou como as flores.

Releio ha muito uns canticos dispersos,  
e a sua arte suavissima enlevou-me.  
Conheço-a simplesmente d'esses versos,  
— folhas de lyrio em volta do seu nome.

Se me perguntam se Vocencia é amada,  
ou se é branca, ou morena, se é formosa...  
respondo então : «Eu d'ella não sei nada.  
a não ser que a sua alma é côr de rosa.»

X  
Ignorando

---

A Francisco Bastos

Não sabe quanto a adoro, essa creança,  
nem como agradecido — se é tão linda! —  
morreria a seus pés, só com a esp'rança  
que ella me dêsse de sorrir-me ainda.

Desconhece que alguém amante e amado  
póde dar-lhe num leito de esplendores,  
nesse dia febril do seu noivado,  
todo um ceo de prazer e dons e flores.

Comtudo, quando a vejo, no meu peito  
passa tanta alegria, que parece  
que me abandona a treva, satisfeito  
como se a luz então me surprehendesse.

— Doirado ser que os olhos extasia...  
guarda sonhando o amor no coração.  
Corre-lhe a vida entre o luar e o dia,  
não conhece portanto a escuridão.

Só para que ella saiba quanto existe  
em minh'alma de aneio e febre e abysmo  
rendilho um verso voluptuoso e triste  
— arte de luxo e flaccido humorismo.

Mas, bem ignora, a flor que me seduz,  
que para o seio onde se occulta a dor,  
numa restea de Sol ha muita luz;  
num só olhar pôde inflorar-se o amor!...

## Da «ultima carta»

\* \* \*

.....  
.....  
.....

Desprezo o teu affago.  
Mas esse olhar — um lago  
— veneno do mais forte...  
eu bebo-o só d'um trago.  
Vê como adoro a Morte.



Meu peito — já deserto  
d'amor, tudo acha triste.  
Se o tumulto é tão perto...  
É vel-o a descoberto  
no que em minh'alma existe.

Não quero mais lutar.  
A dor que me rodeia  
é assim como o luar,  
lançando uma cadeia  
aos vagalhões do mar.

Meu coração nem chora  
esse ideal desfeito.  
Anda tão mudo agora...  
Nem o teu rosto adora,  
nem sonha o roseo leito...

Que abysmo tão medonho  
— de mim ao ceo ideal!...  
Pois que ha de mais risonho  
do que a belleza, o sonho  
e o leito nupcial?!

.....  
.....

### Conselho amigo

---

Formosas, que lançaes a loira trança  
às aragens magneticas do Sul...  
encarnações da altiva flor azul,  
mixto de amor, de sonhos e de esp'rança;

vós todas, que adoraes, pombas inquietas,  
as nevroses gentis do sentimento,  
e trazeis, como as filhas de Sorrento,  
nos cabellos doirados as violetas;

dizei — que desvario vos conduz,  
ou que maldito encanto vos enleva,  
como a uns olhos, que errando pela treva  
descobrem, muito longe, alguma luz?...

Dizei-me, porque um choro dolorido  
vos acorda, ao romper da madrugada ;  
— porque trazeis a face desmaiada  
e o casto olhar de todo amortecido?!

Eu não quero trahir-vos no segredo...  
porém, se muito amaes, lyrîos perfeitos,  
arrancae a paixão dos brandos peitos,  
e arremessae-a ao tumulo, sem medo.

Dom João, esse estroina, que em Sevilha,  
andou manchando a côr do nenuphar,  
fazendo pelas noites de luar,  
tristemente gemer a guitarrilha,

já não ama o fervor dos sonhos bellos,  
nem a vossa innocencia, ó brancas flores,  
porque a Justiça, olhando esses amores,  
fizera derrubar os seus castellos.

Como a taça fatal do rei de Thule...  
deixae-a para sempre, a vossa esp'rança,  
formosas, que lançaes a loira trança  
às aragens magneticas do Sul!...

## Morte de Volupia

---

Fui, sonhando, ao teu quarto; e vi sem vida  
teus bellos olhos — esses ceos ideaes, —  
mas tendo ainda, ó doce, estremecida,  
mais brilho que os metaes.

Num leito, em funeral, franjado a oiro,  
eu beijava os teus labios virginaes;  
comtudo estavam, meu gentil thesoiro,  
mais frios que os metaes.

Então, nem sei o que este amor sentiu !  
que entre a paixão e as lagrimas finaes  
esse peito formoso ao meu se uniu...  
mais forte que os metaes.

Mas acordei. Teu seio respirava.  
Os teus membros não eram glaciaes...  
E o teu olhar, desculpa, não mostrava  
mais brilho que os metaes.

## O novo Visconde

A Joaquim Alvares da Silva

Tem um vasto palacio, um labyrintho,  
onde espalhou, ebrio de luxo, avaro,  
quanto existe de caro  
desde o elegante ao commodo e distincto.

É uma bella figura, um cavalheiro  
que apenas sonha distincções, medalhas...  
tendo ainda o seu quê de mercieiro  
nas suissas grisalhas.

Consta que fez a consciencia larga,  
sem que a fizesse vil...  
e que tivera uma existencia amarga,  
quando fôra cabaço no Brazil.

Dizem alguns, porém,  
que ha nelle qualidades attendiveis,  
que é um homem de bem,  
um talento incorrupto,  
um brasileiro honrado;  
— mas ha pessoas de opiniões terriveis,  
que affirmam que o visconde é muito bruto,  
muito patife e muito malcreado.

\*  
\*   \*  
\*

Quando vae no seu carro deslumbrante,  
como um fidalgo,—impavida a cabeça—  
e a seu lado a senhora viscondessa,  
loira e gentil... Mas vamos adiante...

.....  
.....



Seus filhos, que parecem dois chinezes,  
vão-lhe tomando as manhas;  
tendo umas caras tumidas, estranhas,  
embirram com os filhos dos burguezes.

Elle é toda a grandeza; a flor que esmaga  
velhos parias, outr'ora seus eguaes;  
e tem *homens de letras* a quem paga  
as linhas de réclame nos jornaes.

Faz grandes recepções;  
e, nas noites de festa,  
chega tambem a ter nos seus salões  
a fidalguia mais honrada e honesta :  
os condes, os barões,  
os banqueiros mais calvos e sinistros...  
varios sujeitos nobres  
que não têm titulo; os marquezes pobres,  
o clero e alguns ministros.

E sabe-se até mais  
que depois do seu chá, por costumeira,  
faz uma batotinha surrateira,  
muito em particular,  
com damas, conselheiros, generaes,  
e algum *pato* que seja titular.

Não dá muita importancia aos deputados;  
mas confessa as razões,  
e diz que estes senhores  
são na verdade uns grandes depennados  
e uns grandes massadores.

— Isto, porém, com varias excepções.

Ha tempos — o povinho  
descobriu que o nobre titulado  
é filho d'um plebeu bem desgraçado,  
d'um pobre sapateiro do Alto Minho.

— E o Visconde sentira-se aterrado.  
Começava na roda um borborinho...

Foi o caso — que o mestre  
farto d'uma existencia pouco seria,  
ou do seu lar campestre,  
lançando ao hombro o sacco da boroa  
e a trouxa da miseria,  
deu-se ás gambias, caminho de Lisboa.

Mal chegado que foi  
o pobre sapateiro,  
o desgraçado heroe,  
viu de frente os focinhos d'um porteiro  
que lhe disse: «O que quer, seu peralvilho?»

«Eu quero entrar, desejo ver meu filho.»

«Seu filho? Está maluco?  
Bem te conheço a escola!  
Olhe, se quer esmola,  
cá no palacio já não canta o cuco.  
Para todos vocês foi uma peça,  
mas é como lhe digo;  
a nossa viscondessa,  
que é capaz de ceder a propria vida,

foi ha dias de todo prohibida  
de jamais proteger um só mendigo,  
qualquer como você, que, nessa lida,  
rouba quem póde e serve de empecilho.»

X Responde o velho : «Eu não lhe peço nada,  
só quero que o meu filho  
aqui venha, o João...»

X Porém o outro, numa força irada  
redobrou de colerico : «Intrujão !  
seu grande meliante, seu madraço,  
então você não treme de dizer,  
que é pae, cá do senhor...»

E levantando o braço  
deu-lhe apenas — seis murros, a valer ;  
é claro, por favor.

E vermelho dos odios que o consomem,  
d'uma maneira crua,  
dizia ao pobre homem :  
«Ponha-se já na rua!...»

.....  
.....

\*  
\*   \*  
\*

D'uma janella — os netos  
troçavam o velhote  
pelo montão de trapos bem abjectos  
do seu velho e miserrimo capote.

A guarda quiz prendel-o.  
Porém, teve piedade,  
ou respeito, ao alvor do seu cabelo.

E elle em seguida, então  
lembrou-se de buscar uma taverna,  
onde livre chorasse a dor paterna ;  
longe da luz, dos filhos, á vontade,  
sósinho como um cão.

Perdido e esfomeado,  
lembrava, afflicto, as coisas do seu lar,  
o seu trabalho, o pequenino eirado  
e o seu viver antigo,  
agora, que não tinha um velho amigo  
nem tinha forças para lá voltar...

E contudo o porteiro,  
esse feroz e estúpido rafeiro,  
tinha alguma razão.  
«Pae do senhor visconde?  
não era aquelle não...  
pois que ouvira dizer — nem sabe aonde —  
— talvez ao proprio amo —  
que seu pae pertencia a um nobre ramo  
d'uma casa fidalga da nação.»

Quando enfim o ricasso entrou em casa,  
o valente creado,  
convulso ainda e com o olhar em braza,  
descreveu-lhe o perfil do malcreado  
e tudo o mais que havia...  
— A espaços — o visconde estremeia,  
como quem sente um ruim presentimento.

De momento a momento  
ia-lhe o caso ao gôto...  
E ao ver-se alli quasi trahido, disse :  
«Co'os diabos, se o visse,  
decerto o mataria !»  
«Ora vê lá que celebre maroto !...»

E subiu triumphante a escadaria.

Tudo isto fez bulha  
ás mesas dos cafés, pela cidade;  
alvorçou as praças e a patrulha.  
E alta noite, no *Centro*,  
causou grande surpresa ;  
veio á baila o palacio do visconde ;  
fallava-se de lagrimas lá dentro,  
d'um caso grave de infidelidade,  
da viscondessa presa,  
de muitos crimes que o dinheiro esconde...  
contando-se, com muita indignação  
e fingida tristeza,  
o facto da expulsão !...  
.....

Porém, passados mezes,  
ficara tudo como estava d'antes;  
o titular comprára com diamantes  
os ultimos revezes...  
Só numa tarde, — á mesa, um convidado,  
na festa dos seus annos,  
vendo-o já sem a olympica alegria  
do bom tempo passado,  
jantando, mudo, entre uns provincianos,  
disse a um outro sujeito que sorria,  
satisfeito, a seu lado :

— «Que haverá nelle, amigo,  
parece que anda pallido, tristonho?!...»

«Eu lhe digo. Eu lhe digo...  
Cá para mim supponho,  
que... o visconde fidalgo e com dinheiro,  
coitado! tem desgosto,  
em ver que os filhos no sanguineo rosto  
fazem lembrar o velho sapateiro.»



---

### A uma Andaluza

---

Ó Graça,  
quando o teu *salero* passa,  
cantando,  
e o vae seguindo esse bando,  
esse bando de saudades...  
— teu riso e minha desgraça,  
desgraça das amizades ;

e a minh'alma, entre desejos,  
procura o bem que perdeu,  
num torvelinho de beijos  
espalhados pelo ceo ;

parece  
que é mais triste a minha prece...

Pois quando  
tambem a segue outro bando,  
outro bando de illusões,  
teu riso nunca me aquece,  
aquece outros corações.

E a minh'alma, entre desejos,  
scisma então que se perdeu  
num torvelinho de beijos  
espalhados pelo ceo.

## Aria do luto

*Illusões perdidas; miragem do futuro...*

A A. Cardoso Pinto

## I

Cavalleiros no trilho da Amargura,  
por suavissimas horas de tristeza  
meus sonhos juvenis trajam de preto;  
vão encarando os ceos; mas pela altura  
já não rebrilha, floreamente accesa,  
essa estrella febril d'um casto affecto!...

## II

Foram-me d'alma as crenças e as visões,  
como voam do ninho para a messe  
bandos de rouxinoes e cotovias...  
— negro côro perdido de orações,  
que no meu peito languido emmudece,  
e eu tento renovar todos os dias.

## III

Deslumbrantes sorrisos que amei tanto,  
castellos de luar e primavera,  
tudo eu vejo na sombra derrocado;  
porque á ventura succedera o pranto,  
porque agora ninguem me diz — espera,  
amar-te-hei ainda, desgraçado!

## IV

Como tu, Mocidade, eu colhi rosas;  
lancei o pensamento sobre a aurora,  
como se lança um corpo para o leito;  
rodearam-me as coisas deliciosas,  
e subi ao Azul, em quanto chora  
orvalhos a alvorada em nosso peito.

## V

Eu adorei as pallidas imagens,  
as rosas ideaes do Sentimento  
e a açucena azulada d'esta vida.  
Vi no deserto o quadro das miragens ...  
e decantei balladas ao relento  
sob o balcão da triste Margarida.

## VI

Emquanto que a alegria embalsamava  
os meus vultos d'amor, brancos de neve,  
quem é que me vencera a intrepidez?  
mandassem-me affrontar a fera brava,  
que este braço robusto, dentro em breve,  
a arrastaria, timida, a meus pés!

## VII

Cinzelaria os marmores mais raros,  
que fossem dominar uma montanha  
e reluzir ao sol como punhaes...  
E corriam assim meus sonhos claros,  
mas um dia Alguem disse em voz extranha:  
— « ó louco sonhador não sonhes mais.»

## VIII

Esse Alguem apontou-me o azul dos ceos!  
fôra o brilho do Sol que eu anhelava,  
a minha idéa, a minha mocidade;  
mas um dia morreu, disse-me o adeus  
que lembranças na alma só nos grava,  
e os corações nos enche de saudade.

## IX

E todo o aneio bello e sacrosanto,  
todo o sorrir dos labios da chimera,  
tudo eu vi para sempre abandonado;  
porque á ventura succedera o pranto,  
porque agora ninguem me diz «espera,  
amar-té-hei ainda, desgraçado!»

.....  
.....

## Egualdades

---

A Alberto Osorio de Castro

Irmã do meu coração;  
Noite, meu sinistro encanto,  
tu tens estrellas e eu pranto;  
tu tens sombras e eu paixão.

Dizem que a tua existencia  
suggere á vingança o crime;  
pois tambem a minha essencia  
me aponta um odio sublime...

Sinto a luta, sinto o amor ;  
tu — a treva e o azul sem fim...  
Se neste inglorio jardim  
nasce o verme ao pé da flor !....

Ah ! que bondoso quebranto !  
que aromas na escuridão !....  
Noite, meu sinistro encanto ;  
irmã do meu coração.

Lembras, se um luar maguado  
te cinge, num tom violento,  
nos brilhos — o meu passado,  
nas ruínas — o meu tormento.

Contigo tudo adormece,  
num sudario de neblina ;  
eis porque também se inclina  
meu ser, se as maguas esquece...

Cada Aurora que te esconda  
te arrasta um sonho desfeito ;  
porém, a luz é uma onda  
de escarneo sobre o meu peito.



Na sombra occulta a paixão ;  
dá-me perfume e quebranto,  
Noite, meu sinistro encanto ;  
irmã do meu coração.

## Eterno amor

---

T. J. F.

Dizem-me que morreste !  
Para elles, talvez ; mas para mim  
    não, meu amor celeste ;  
não póde ser ! que ainda te adoro, sim !

Ainda escuto essa bocca,  
d'entre um halito doce e perfumado,  
    dizer, pombinha louca,  
o que andaste a sonhar para o noivado.

Esse rosto suave,  
eu vejo-o ainda como o via d'antes.  
Vejo o teu peito d'ave,  
os teus loiros cabellos fluctuantes...

Morta?... Jamais! É que elles  
não percebem da Vida senão vendo  
a alma como aquelles  
immensos soes que andam no azul ardendo.

Sentem brilhar o fogo...  
mas, se um dia qualquer se turba o ceo,  
talvez proclamem logo:  
«É que o fogo extinguiu-se, a luz morreu.»

E não sabem depois  
que esse manto de nuvens, que se espalha  
no ar, cobrindo os Soes,  
fel-o Deus para imagem da mortalha.

A ti, rosa celeste,  
assim a nuvem te escondera, assim...  
Se julgam que morreste,  
é bem melhor... Só vives para mim.

És minha só! No espaço  
em que existes, minh'alma ainda presente  
teus beijos, teu abraço,  
teu sorriso, teu corpo florescente.

A prova é que me alegro ;  
é que o meu coração, na flor da idade,  
nem deve andar de negro,  
como andam as Noites e a Saudade.

A prova é que não choro...  
que tenho como então cantos dispersos...  
que és inda, alma que adoro,  
o sonho, a vida e a gloria dos meus versos!...

Segunda parte



*Lancei o meu olhar pelo horizonte ..*

GUERRA JUNQUEIRO

*Passam ás vezes umas luzes vagas ...*

ANTHERO DO QUINTAL.

## Dor e Prazer

---

Ao sol da Apotheose, á lauta meza  
dos Deuses, sob o azul, em plena orgia,  
ebria de gloria e esplendida alegria  
brinda a Ventura á flor da Natureza.

Emquanto que a lutar pela incerteza,  
noutro hemispherio, invalida, sombria,  
a Miseria se estorce; e a Noite fria  
passa envolta num manto de tristeza...



Sempre o contraste! As lagrimas e o riso!  
Uns agora a chorar, outros cantando!  
D'aqui — o Horror, d'além — o Paraiso!

Ou subir, ou descer. Contínua lida!  
— como as ondas, erguendo-se e quebrando...  
no equilibrio phantastico da Vida!...

## Esponsaes no azul

---

A João de Menezes

Longe do mundo e longe da desdita,  
o poeta scismava. No Occidente,  
com seu manto doirado e resplendente  
o Sol rolava, numa paz bemdita.

No clarão, em que a sós seus olhos fita,  
como que avulta a fronte auri-luzente  
da noiva, que anteviu, num estro ardente,  
— fôrma e desejo da sua alma afflicta.

De subito, num grito de anciedade,  
quando o veu da penumbra e da saudade  
tocou do ceo na abobada azulada...

o poeta exclamou, cheio de sonho :  
«Nesse paiz suavissimo e risonho  
é que eu hei de esposar-te, minha amada!»

## A gaivota

---

Ao Dr. Miguel Pereira da Silva

Passa-me o rio em frente da janella.  
Muita vez, ao luar, noites de rosa,  
vejo boiando uma gaivota anciosa  
sobre a corrente múrmura, singela.

É sempre a mesma. É uma delicia vel-a;  
e tanto me entretém, — voluptuosa,  
que chego, nesta vida trabalhosa,  
quando ella falta, a ter saudades d'ella.

Pois que, vendo-a passar boiando e mansa,  
sinto-me alegre; e occorrem-me á lembrança  
as conquistas, a lyra, a morbidez,

d'um trovador ditoso, fluctuando  
pelos canaes, em gondola, cantando,  
nas amorosas noites de Veneza.

Figueira — 87.

## Divino Ser

---

\* \* \*

Este eterno sorriso, este desejo  
á flor de nossos labios sempre unidos,  
assim como se juntos os sentidos  
fossem chrystalisando num só beijo...

estes vagos encantos, tanto ensejo...  
tanta luz, tanto amor, dias perdidos,  
meus olhos e os teus sonhos reflectidos,  
teu doce olhar, onde meus sonhos vejo ;

tudo me leva a crer, tudo me leva  
a jurar pelo ceo, pela innocencia,  
que, muito longe d'estes mundos d'Eva,

tiveram, numa olympica vertigem...  
aos pés do creador, na mesma essencia,  
a minh'alma e a tua a mesma origem.

## A primeira noite

---

A Mario Pinheiro Chagas

Bradava a Natureza: «Deus clemente!  
lança um manto de sombra, por piedade,  
sobre meus hombros, deixa que á vontade  
deslize o pranto neste solo ardente!»

«Tornou-se a luz aos crimes indiff'rente.  
E Kain, maldizendo a humanidade  
tinge de sangue a doce claridade  
do meu sonho d'amor, covardemente!»



---

Deus então, condoído d'estas maguas,  
baixando o Sol á tunica das aguas,  
d'este modo ensombrando as roseas telas,

disse-lhe: «Chora; é triste o que te escuto!»  
E cobriu-a de lagrimas e luto,  
dando-lhe a noite e dando-lhe as estrellas.

## Dentro do templo...

---

A Albino da Silva

Um dia o meu Desejo conseguira  
entrar no Coração da minha amada,  
pois quiz ver essa estancia consagrada,  
que ha muitissimo tempo já não vira.

E assim lhe disse: «Ó minha rosea lyra,  
onde tens, onde existe a flor doirada  
d'esta luz, d'esta paz, d'esta alvorada,  
d'este esplendido amor que em ti se inspira?...

E após, a um lado, o Coração mostrou-me,  
num relevo suavissimo, o meu nome,  
que um sonho lhe gravára, pela infancia...

porém, quasi apagado, silencioso,  
como um timido rasto luminoso,  
como um brilho imperfeito, sem constancia.

## Opticismo

---

\* \* \*

Meu sonho de te haver, que se constella  
dos doirados affectos que eu diviso  
a renascer á flor do teu sorriso,  
como renascem brilhos numa estrella,

ha de acabar-se um dia, como aquella  
luz que, apagada, cerra um paraíso,  
se na esteira fatal em que deslizo  
não pára essa Visão sinistra e bella...

---

pois, se a meu peito um vão desejo arranco,  
julgo ver-te fugir, toda de branco,  
ó lyra juvenil d'estes harpejos,

ou no berço ideal do vento sul,  
ou em nuvem purissima de azul  
embutida de lagrimas e beijos !

## Tela rustica

(*Minho*)

---

A Ernesto Leite de Vasconcellos

Meio dia. A estação canta radiosa,  
colorida e vibrante; nos eirados  
jantam á sombra os homens fatigados  
pelo esforço da vida trabalhosa.

Dos insectos a turba luminosa  
volteia e zumbe; percorrendo os prados  
andam as aves chilreando, os gados,  
e a corrente das fontes murmurosa.

---

Colhem á cêsta o fructo nos pomares,  
ditosas, as creanças, num delirio,  
descantando os seus versos populares...

E, nas vides, do alto, enchendo a vista,  
brilham ao sol as uvas, côr de lyrio,  
como cachos enormes de amethysta.

## A Paixão

---

A Francisco de Mello e Alvellos

Ouvi dizer que um Anjo é que o contára,  
e que o Demo das sombras o affiança:  
— que ás vezes, como doida, uma creança  
branca e gentil, d'uma belleza rara,

lhe pergunta anciosa: «Já passára?...  
viste-o? mas quando? ha muito? onde descança?...  
— elle é cheio d'amor, de luz, de esp'rança...  
mas decerto esqueceu quem tanto amára!»



---

«Vivo, porque elle existe. Só me rio,  
vendo-o rir; se idealisa, é que idealiso;  
se chora, sinto as lagrimas em fio.»

«Persigo-o, adoro-o, rojo-me; e no emtanto...  
— se eu podesse chorar o meu sorriso!  
se eu me podesse rir d'este meu pranto!...»

## Em quanto ella dorme

---

\* \* \*

Ó formosa Visão, por quem eu ponho  
mais fé que sobre a pedra dos altares;  
ó branca irmã dos brancos nenuphars,  
alma pura e suave — olhar tristonho;

que sublime entreabrir d'um ceo risonho  
entre illusões te levará nos ares?...  
— peito em ondas de espuma como os mares,  
que sonho em flor te esquecerá meu sonho?...

Ser que eu venero, ó sol meio escondido,  
meu lyrio virginal entumecido  
de amorosos e de intimos desejos,

descança! dorme assim, Visão piedosa,  
dorme sempre, que a noite é silenciosa  
e eu preciso morrer desfeito em beijos!...

## Sob a magnolia

---

A Duarte Borges Goutinho de Medeiros

Às vezes, pelo Estio, entre os fulgores  
do Sol da tarde, exausto de canceira,  
eu vou deitar-me á sombra hospitaleira  
da magnolia gentil de eburneas flores.

Os zumbidos, o aroma, a seiva, as cores  
e a volupia da arvore altaneira,  
fazem vagar minh'alma aventureira,  
num phantastico mundo de esplendores.

---

Porem, sobre a miragem transitoria...  
quando mais canta e sóbe a minha gloria  
e a embriaguez em gozos se define,

é quando penso, a rir, que escuto passos,  
que alguém me adora, e falla, e estende os braços,  
como a noiva ditosa d'um Flamíne.

## Doida

---

A Silvestre Falcão

Chama-lhe o povo a doida dos Amantes,  
mulher fatal, de pessimas entranhas ;  
e assevera que dorme nas montanhas  
sómente á luz dos astros palpitantes.

Dizem tambem que era formosa d'antes,  
e que descreve olympicas façanhas,  
ocorridas em epochas extranhas  
em seus muitos castellos triumphantes...

---

Outras vezes, em dias bem afflictos,  
diz simplesmente em dolorosos gritos :  
«que é d'elle, o meu amante, quero vel-o !»

E é assim que percorre toda a estrada,  
com seus olhos de loba esfomeada,  
e em desalinho os membros e o cabello.

## Ideal sombrio

---

Nessa estrada phantastica onde peno  
em busca d'um olhar sereno e grato,  
o coração em lagrimas desato,  
todo este amor a lagrimas condemno.

No entanto essa Visão de rosto ameno,  
que no seio tristissimo recato,  
â vida ingloria que cruçio e mato  
nem lança a esmola d'esse olhar sereno.



---

Ao menos ! o que ainda me consola,  
é ter eu a esperança d'essa esmola,  
e um pensamento que este fogo acalma :

«que a luminosa flor que me atormenta,  
quanto mais odio contra mim augmenta,  
mais o meu nome se lhe infunde n'alma ! »

## A Saudade

---

A Vasco da Rocha e Castro

Quando a Morte nos leva uma Esperança,  
os amigos que acodem na amargura  
não nos deixam lançá-la á terra escura  
porque nos falta a luz, a confiança...

porisso é que a Saudade, essa creança,  
chama o coveiro, tremula e murmura :  
«põe-lhe violetas... sobre a sepultura...  
sobre a terra gelada onde descança...»

---

Porém, mais tarde, entre um clarão funereo,  
louca, em silencio, e sempre caminhando  
em procura do vasto cemiterio,

vae ella então — virgem de tranças pretas,  
toda de branco, pallida, e chorando,  
orvalhar, junto á noite, essas violetas.

## Sonhada Esposa

---

A Trindade Coelho

Num cançasso febril, quando me deito  
por longas tardes, na estação calmosa,  
penso que uma mulher deliciosa  
vem deitar-se também sobre o meu leito.

Embriagado de goso, junto ao peito,  
eu cinjo então a carne gloriosa  
d'essa fôrma de perolas e rosa,  
entre os sonhos o sonho mais perfeito.

---

Mas, a um languido beijo me parece  
que o meu sangue ardentissimo estremece  
num effludio d'amor que me extenua.

Quasi perco a razão, cáem meus braços...  
E ella foge-me, a rir, pelos espaços,  
ainda cheia de aromas, branca e nua...

## Na volta da pesca

---

Ao Dr. Porphyrio da Silva

A embarcação previra a tempestade;  
mas sem remos, nem velas, nem defeza,  
sublevando-se as ondas com surpresa,  
viu-se perdida pela immensidade...

O Sol, no occaso inglorio, sem piedade,  
beijava o mar; revolta a natureza,  
— a chuva, a sombra, os ventos e a tristeza  
iam batendo a frouxa claridade...

---

Veio a noite ; na praia, commoventes,  
as esposas, os filhos e os parentes  
imploravam do Deus das maldições,

misericordia ! Mas, entre luto e maguas,  
a embarcação sumira-se nas aguas,  
côbriram-se de pranto os corações.

## Noite de nupcias

---

\* \* \*

Branca fada gentil de roseos seios  
manda sorrindo, em divinaes carinhos,  
á nossa alcova um turbilhão de anseios,  
ao nosso abraço a flaccidez dos ninhos.

Nada me occultes com febris receios,  
fluctua, cança, neste mar de arminhos...  
que os teus encantos limpidos toquei-os  
com mais desejo que a famosos vinhos.



Meu coração pertence-te, minh'alma  
ha de cingir-se a tudo quanto anhelas  
numa satisfação íntima e calma.

Que o goso inunde o conquistado leito!  
E abracem-me teus beijos como estrellas  
que do ceo me caissem sobre o peito.

## Inconsciencia

---

A Silva Cordeiro

D'uma larga varanda sobranceira  
á planície que vae para o Nascente  
vejo a fresca paizagem florescente,  
como brotando numa só roseira...

Canta d'amor no campo uma ceifeira.  
Os aldeões trabalham santamente.  
Ha no quadro a harmonia resplendente  
das grandes relações da vida inteira.

Pastam, sem medo, os pachorrentos gados.  
O Sol a pouco e pouco vae a erguer-se...  
Correm d'Agosto uns dias socegados.

Nesta florea paizagem que estou vendo  
tudo entre si parece comprehender-se...  
Só a minh'alma é que eu não comprehendo!

1884.

## Longe da terra

---

A Velloso Armelim

Em sonhos,— pois que em sonho me apparece,  
apenas, essa deusa dos Amores,—  
se a procuro, ella surge d'entre as flores,  
onde a deixam poisar quando adormece...

Mas, se tento saber porque me esquece,  
— ella responde : «Envolta de esplendores,  
de alegria, de paz, de adoradores,  
só em sonhos tambem te escuto a prece...»

---

Se acordo, tudo está frio e sereno.  
Tem os ceos para mim um tom de luto.  
Vejo tudo sem côr triste e pequeno...

É que em sonhos sómente é que desejo!  
— em sonhos, porque em sonho é que eu a escuto,  
a sinto, a comprehendo, a adoro e a vejo!...

## A Inspiração

---

Ao Dr. José Novaes

Ella nunca existiu num falso alento,  
porque é livre, — e fatal como o destino,  
e simples, quando algum clarão divino  
é que infunde na gloria o pensamento.

Podem nascer mil versos d'um tormento,  
d'um só prazer, d'um berço pequenino,  
d'uma phrase, ou d'um seio diamantino ;  
basta que em nós exista o sentimento.

---

Fôra assim, que, ao abrir, doido d'amor,  
as cartas virginaes da minha flor,  
eu sonhára encantado, — tão submerso

num effluvio amoroso de poesia,  
que, ás vezes, num sorriso, em quanto as lia,  
sem que o pensasse, as transformava em verso !

## Suavissima

---

A José da Cunha e Costa

Quando estou a seu lado, se lhe fallo,  
doce enlevo de lutas me estremece;  
o que tenho a dizer tudo me esquece,  
e amando-a não me atrevo a confessal-o.

Temo que, sendo o ultimo vassallo  
de tantos que ella tem, como merece,  
o segredo fatal da minha prece  
nunca o seu coração possa escutal-o ;



---

já que, olhando esse vulto, onde a saudade  
é impossível pairar como a tristeza,  
lembro que, longe, em partes ignoradas,

devem ter essa inerte suavidade  
— rosea graça de esthetica belleza —  
no seu palacio as moiras encantadas...

## Illusão constante

---

Ao Dr. Francisco Martius

Embora, nesta vida angustiada,  
feche meus olhos, procurando o escuro,  
pois, d'um sonho maldito que abjuro,  
tento apagar certa illusão amada ;

erga, embora, minh'alma subjugada  
ante si, rudemente, um bronzeo muro,  
eu não encontro a noite que procuro,  
do que desejo não consigo nada.

Sinto essa Illusão como a conheço  
desde o primeiro dia ! Se entristeço,  
vejo-a sorrir ; chorar quando me alegro...

É uma especie de bem que só magoa ;  
um martyrio, uma fórma que atraiçoa,  
como um facho a brilhar num fundo negro !...

## Romanticismo

---

A Sanches da Gama

Essa, que da minh'alma foi o alento,  
já fatigada e num marmoreo aspecto,  
dormiu sobre o meu seio então repleto  
dos effluvios azues do sentimento.

Hoje, distante d'esse amor violento,  
é quem me faz sentir, d'um modo abjecto,  
o quanto ao coração custa um affecto  
sublimado no odio que alimento.

---

Porém, vendo-a sorrir, quando a lembrança  
de seus beijos me avulta na memoria,  
dá-me tanto prazer, tanto me cança

o extasis de vel-a, — que eu supponho  
que hei de morrer de a amar, cheio de gloria,  
estrangulado de volupia e sonho.

## Os Rouxinoes

---

A José Luiz de Carvalho

No meu jardim, num cedro em que a frescura  
e a flor da novidade vêm brotando,  
poisa, por vezes, um ditoso bando  
de alegres rouxinoes, entre a verdura...

Quando alli vou, tristissimo, á procura  
de socego e de luz, de quando em quando,  
sinto-os vir e poisar, ouço-os cantando,  
no doce idyllio d'uma paz obscura.

---

E, desditoso, — eu lembro com saudade,  
ultimo brilho do meu peito ardente,  
que assim tambem, num intimo vigor,

sobre o floreo jardim da mocidade,  
cantaram na minh'alma alegremente,  
como no cedro, os rouxinoes do amor!...

## Sonho de marmore

---

A Antonio Augusto Gonçalves

Quiz ver, silenciosa, a Donna Bella  
no seu frio castello alvinitente ;  
dei em paga a minh'alma florescente,  
que é quanto custa um só momento vel-a.

Entrei. É tudo um marmore que gela...  
mas que olhava ? — Dormindo eternamente  
sobre um leito uma estatua indifferente !  
E a mulher dos meus sonhos era aquella !...



Fez-se em volta de mim a nevoa densa.  
— Eu já não posso amar! pois que a riqueza,  
toda a anciedade, o amor, a propria crença,

tudo troquei ao marmore, á surpresa  
d'essa impressão continua de indiff'rença,  
de silencio, de alvura, e de frieza!....

## O Amor e o Odio

---

Ao Dr. Antonio de Vasconcellos

Dentro em meu coração, como forçados  
que a Desgraça com lagrimas castiga,  
batidos de amargura e de fadiga  
o Amor e o Odio vivem socegados.

Pois, num dia dos mais amaldiçoados,  
bem perto d'essa jaula que os abriga,  
passou, sorrindo, a esplendida inimiga  
que os meus sonhos em flor deixa enlutados.

Passou ; e o seu olhar d'azul-saphira  
por escarneo lançára os seus clarões,  
sobre a jaula cruel, fito no centro...

E eu então, pude ver sanguineos d'ira  
esses monstros fataes, como leões,  
ambos ferozes a lutar lá dentro !...

## Desgostosa

O seu riso gentil que ainda me arrasta,  
como quem vae seguindo no deserto  
os raios d'um clarão que julga perto,  
mas que a seguil-o toda a vida gasta ;

sua voz, seu olhar, sua alma casta,  
todo esse allivo e festival concerto  
— brava as fôrmas de luz que ao seio aperto  
sonhavam, numa dôr nefasta...

---

esse porte de brilho e magestade,  
e o seu modo sincero, doce e honesto,  
tudo a sombra da Magua, sem piedade,

velou, tocando-a com seu ar funesto !  
Nunca eu sonhasse, ó intima saudade,  
seu riso, voz, olhar e alma e gesto !...

## A minha Alma e o Inverno

---

Ao Dr. J. A. Ribeiro Guimarães

Sonhei que amava. A Flor da primavera  
que antevia, sorrindo, desde a infancia,  
descera junto a mim d'aquella estancia,  
d'onde nunca, fallando-me, descera.

Sonhei que amava e cria que assim era !...  
Mas a Flor, irmã gemea da Inconstancia,  
com seus brilhos, effluvios e fragrancia,  
murchou á luz do encanto que a trouxera.

O que importa! exclamei, no sol doirado,  
nas montanhas, no azul, nos jardins bellos,  
eu terei sempre enlevos e alegria...

Fui á janella, olhei, mas vi, maguado,  
a paizagem do Inverno, d'entre os gelos,  
vasta, immovel e branca, toda fria!...

## Carnaval

---

A Rodrigues Braga

Ao palacio gentil da Formosura,  
que a minh'alma comprou a velhas fadas,  
vieram muitas Illusões sonhadas,  
vestidas a capricho, em noite escura.

Dançava-se com tal desenvoltura  
que, ao ruido das valsas embriagadas,  
mal se ouviram na porta umas pancadas.  
Mas de dentro disseram: «Quem procura?...»



---

Sobre o silencio que se fez no bando  
bateram com violencia, e galhofando,  
responderam: «As noivas do Boccacio.»

Ó bons ideaes da minha festa insana!  
— Era o mundo do Amor, — miseria humana,  
que ia a troçar a dona do palacio!...

## Indifferente

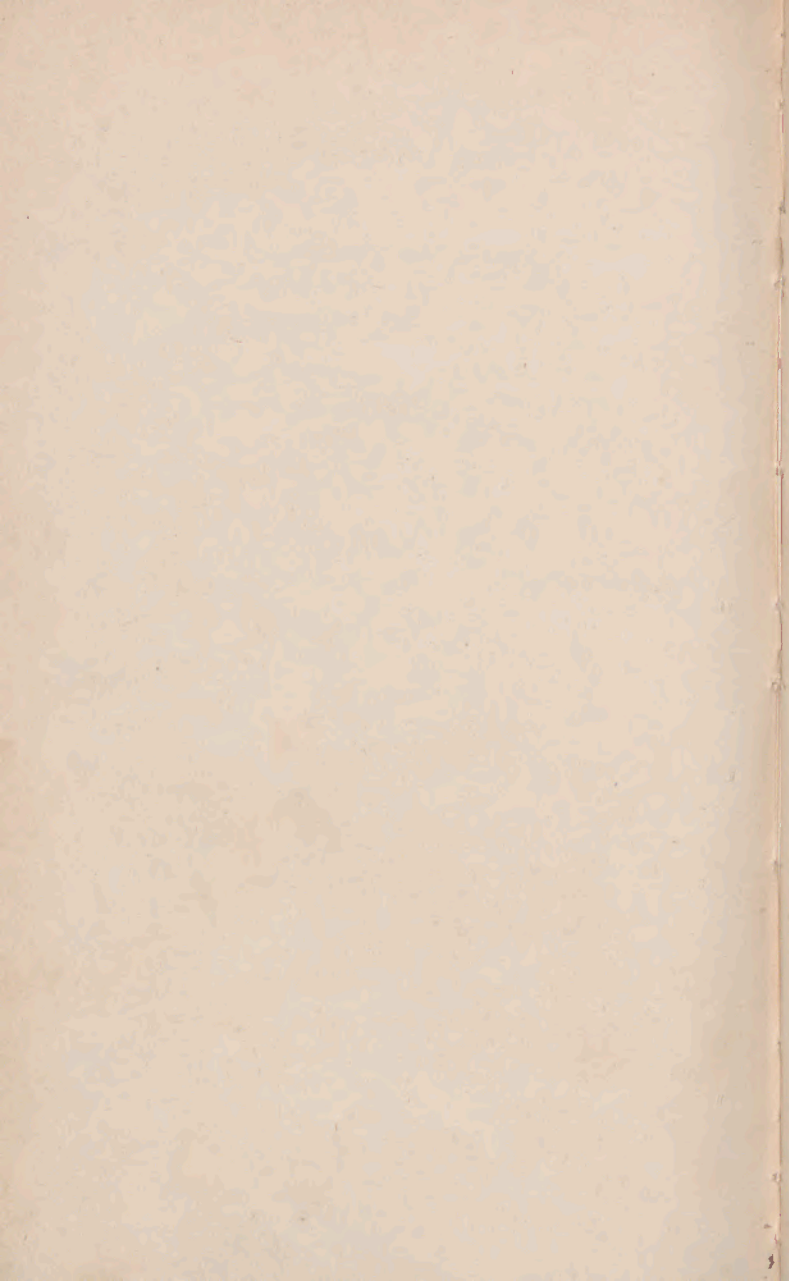
---

Bem sei que já não tenho quem me acoite  
sob a luz dos seus olhos, mas, no emtanto  
que socego, que flaccido quebranto  
no bem estar suavissimo da noite.

Ninguem agora o coração me affoite ;  
seja a tristeza, seja mesmo o encanto ;  
já não creio no riso, nem no pranto,  
nem na desgraça com seu negro açoite.

Passo a vida sem brilhos no descanso.  
Nem se me extingue o ser de hallucinado...  
nem mesmo os olhos para o mundo lanço.

Sempre ante mim um carcere pequeno ;  
sempre a noite sem maguas, sem cuidado ;  
sempre o luar do espirito sereno.



## Indice

---

Preludio . . . . .	Paginas
	5

---

### LIVRO PRIMEIRO

#### ORAÇÕES DO AMOR

I — Ó purissima e bella . . . . .	9
II — Eu não acreditava . . . . .	10
III — Não sei o que tu pensas . . . . .	11
IV — Eu desgraçado . . . . .	12
V — Bateram alta noite . . . . .	13
VI — Rosas, Estrellas . . . . .	14
VII — Vem a meus braços . . . . .	15
VIII — A deusa da Esperança . . . . .	16

	Pag.
IX — Minh'alma dolorida . . . . .	18
X — Ó rainha, ao fallares . . . . .	19
XI — Passei na tua rua . . . . .	20
XII — Era ainda creança. . . . .	22
XIII — Ó rosas da manhã. . . . .	23
XIV — Cuidei que a minha sombra . . . . .	24
XV — Ás vezes se o teu riso. . . . .	25
XVI — Ó Serena e Bemdita. . . . .	26
XVII — Não me seduzem . . . . .	28
XVIII — Uma nuvem que fugia. . . . .	29
XIX — Naquella tarde . . . . .	30
XX — Imaginei — que uns vultos. . . . .	31
XXI — Dizem as conchas . . . . .	32
XXII — Sei que empregas os dias . . . . .	33
XXIII — Se passas junto a mim. . . . .	34
XXIV — Deus mandou-te dos ceos . . . . .	35
XXV — Hei de dar-te um palacio . . . . .	36
XXVI — Junto a meus pés . . . . .	37
XXVII — Eu chamei o meu sonho. . . . .	38
XXVIII — Quando o mundo phantastico . . . . .	39
XXIX — Lyrio de graça . . . . .	40
XXX — Deparei com a morte . . . . .	41
XXXI — Creio no que tu crês. . . . .	42
XXXII — Eu já fui rei. . . . .	43
XXXIII — Sou teu... Tu me embriagas. . . . .	44
XXXIV — Sonhava, mas de subito. . . . .	45

	Pag.
XXXV — Meu coração, um mar . . . . .	46
XXXVI — Penso ás vezes que escuto. . . . .	47
XXXVII — Uma noite na relva . . . . .	48
XXXVIII — Disseste-me que adoras . . . . .	50
XXXIX — Sorriste-me, — não era. . . . .	51
LX — A ti mulher suave. . . . .	52

## LIVRO SEGUNDO

## MAGUA E RISOS

## PRIMEIRA PARTE

Em defeza. . . . .	63
O Frade. . . . .	66
Seis annos. . . . .	70
Madrigal profano. . . . .	72
Pepita . . . . .	73
Cofre natural. . . . .	76
A mulher-estatuá. . . . .	78
O fumo . . . . .	81
Lyras . . . . .	83
No quarto de Laís . . . . .	86
Nova Pandora . . . . .	89
Artística. . . . .	92

---

	Pag.
Estancia da carne . . . . .	94
Spleen. . . . .	96
Visão d'um leito . . . . .	98
Á Duvida . . . . .	100
Phantasia nostalgica . . . . .	102
Contraste amoroso. . . . .	105
Ás portas de Corinθο . . . . .	106
Para a guitarra . . . . .	108
Côr de rosa . . . . .	114
Ignorando . . . . .	116
Da «ultima carta» . . . . .	118
Conselho amigo . . . . .	120
Morte de Volupia . . . . .	123
O novo Visconde. . . . .	125
A uma Andalusia. . . . .	135
Aria do luto . . . . .	137
Egualdade . . . . .	141
Eterno amor. . . . .	144

---

SEGUNDA PARTE

Dor e Prazer. . . . .	150
Esponsaes no azul . . . . .	152
A gaivota . . . . .	154
Divino Ser. . . . .	156



	Pag.
A primeira noite . . . . .	158
Dentro do templo . . . . .	160
Opticismo . . . . .	162
Tela rustica . . . . .	164
A Paixão. . . . .	166
Em quanto ella dorme . . . . .	168
Sob a magnolia . . . . .	170
Doida . . . . .	172
Ideal sombrio . . . . .	174
A Saudade. . . . .	176
Sonhada Esposa . . . . .	178
Na volta da pesca . . . . .	180
Noite de nupcias . . . . .	182
Inconsciencia. . . . .	184
Longe da terra. . . . .	186
A Inspiração . . . . .	188
Suavissima. . . . .	190
Ilusão constante. . . . .	192
Romanticismo . . . . .	194
Os Rouxinoes . . . . .	196
Sonho de marmore. . . . .	198
O Amor e o Odio . . . . .	200
Desgostosa. . . . .	202
A minha Alma e o Inverno. . . . .	204
Carnaval. . . . .	206
Indifferente . . . . .	208

## NOTA

---

Resalvamos simplesmente o que nos parece indispensavel. Assim, entre outras escaparam as seguintes incorrecções :

Pagina 37. — O verso quinto deve ler-se :

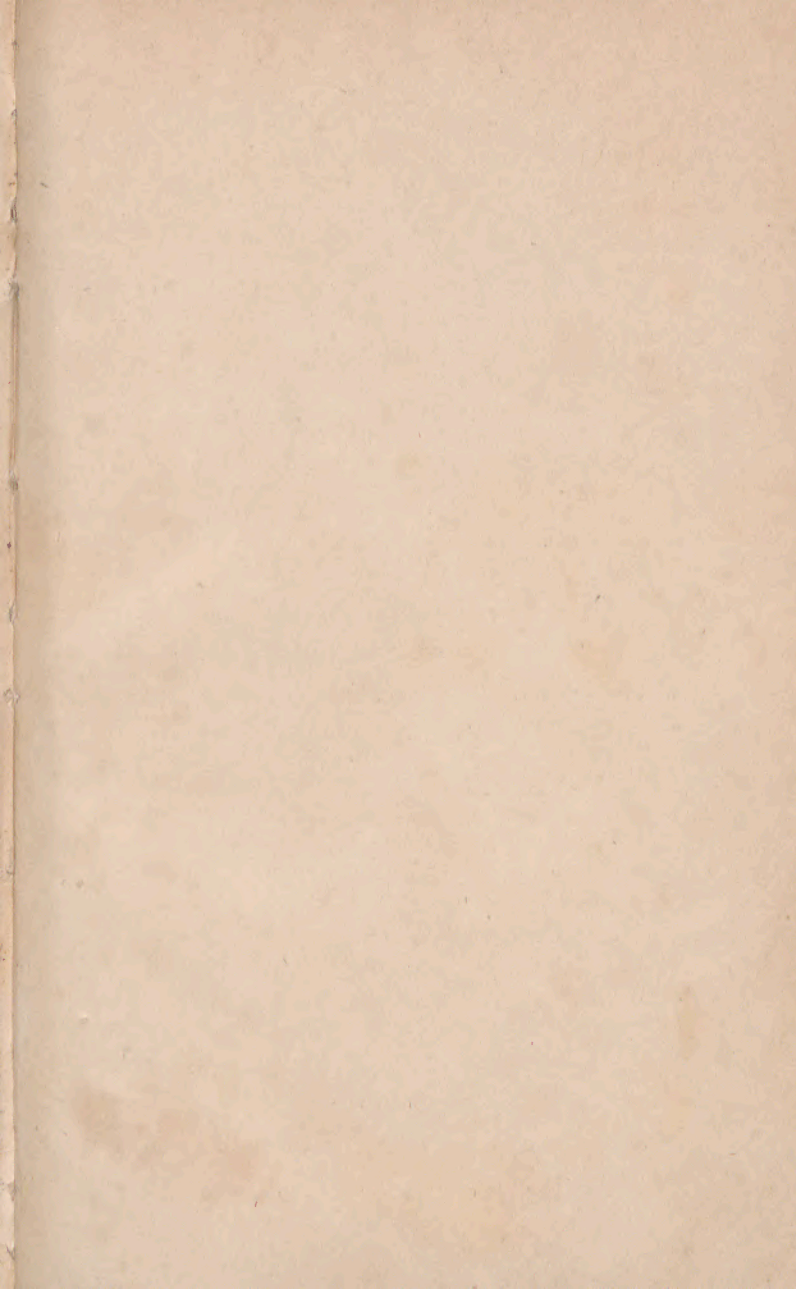
«Vi que appar'cia ao longe o teu vestido.»

Pagina 79. — O verso setimo deve ler-se :

«Ao ver junto a seus pés a turba dos affectos.»

Na mesma pagina. — O verso nono deve ler-se :

«Se o Artista que sente a magica impressão.»



Do mesmo auctor

---

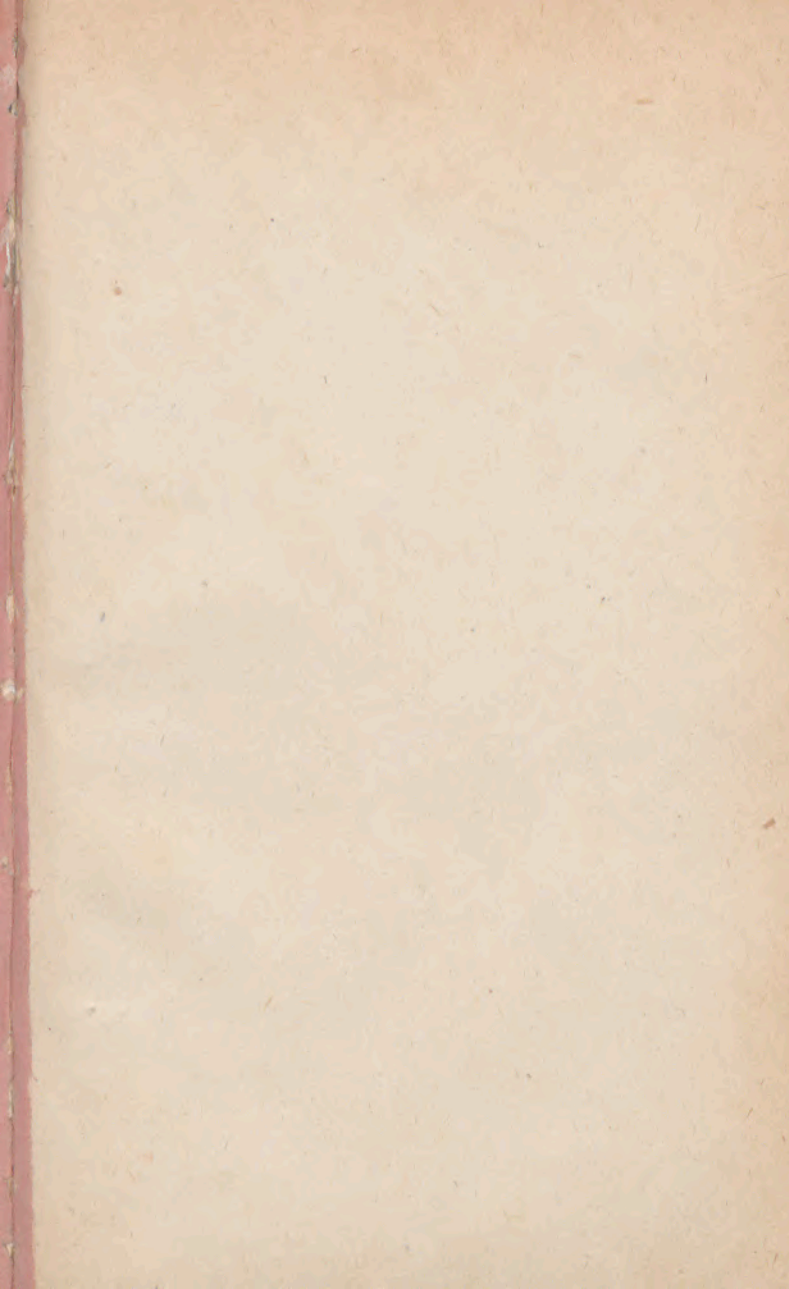
A ENTRAR NO PRELO:

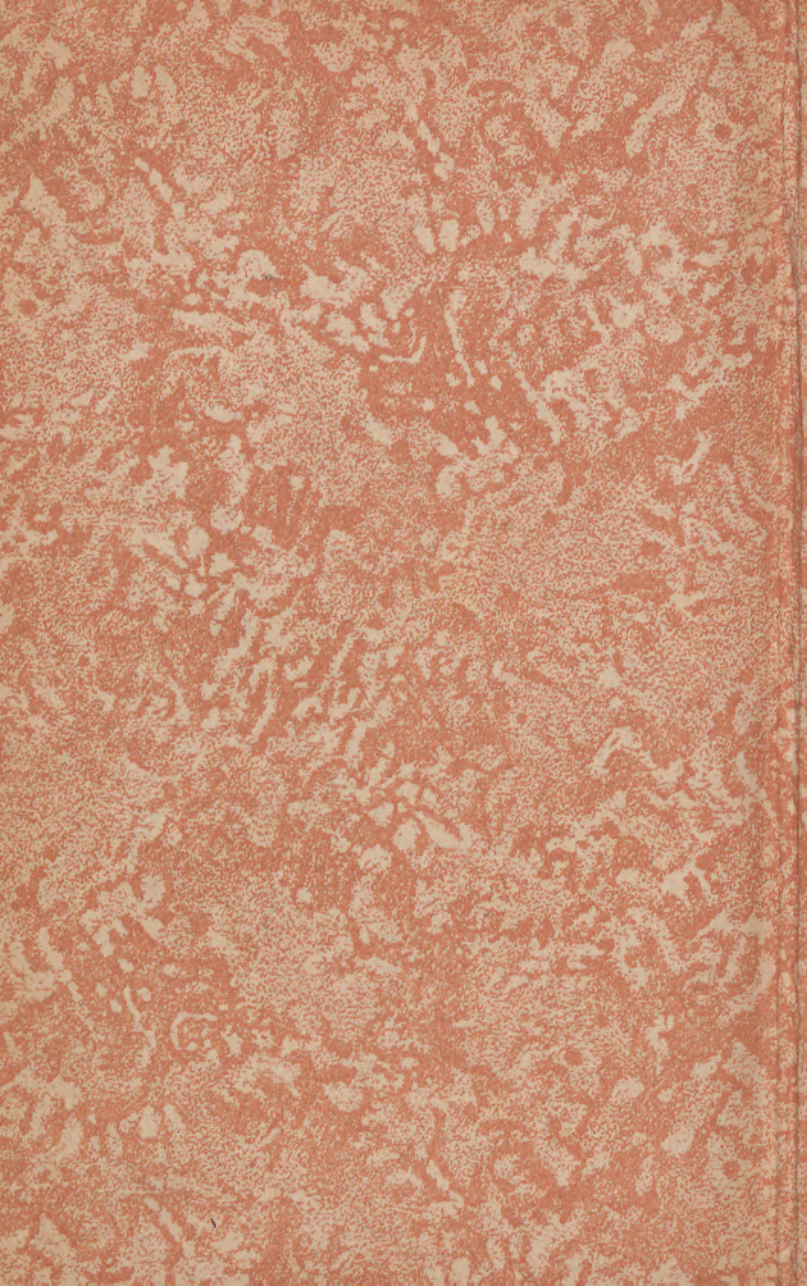
Livro nostálgico — *poemetos e lendas* — 1 vol.

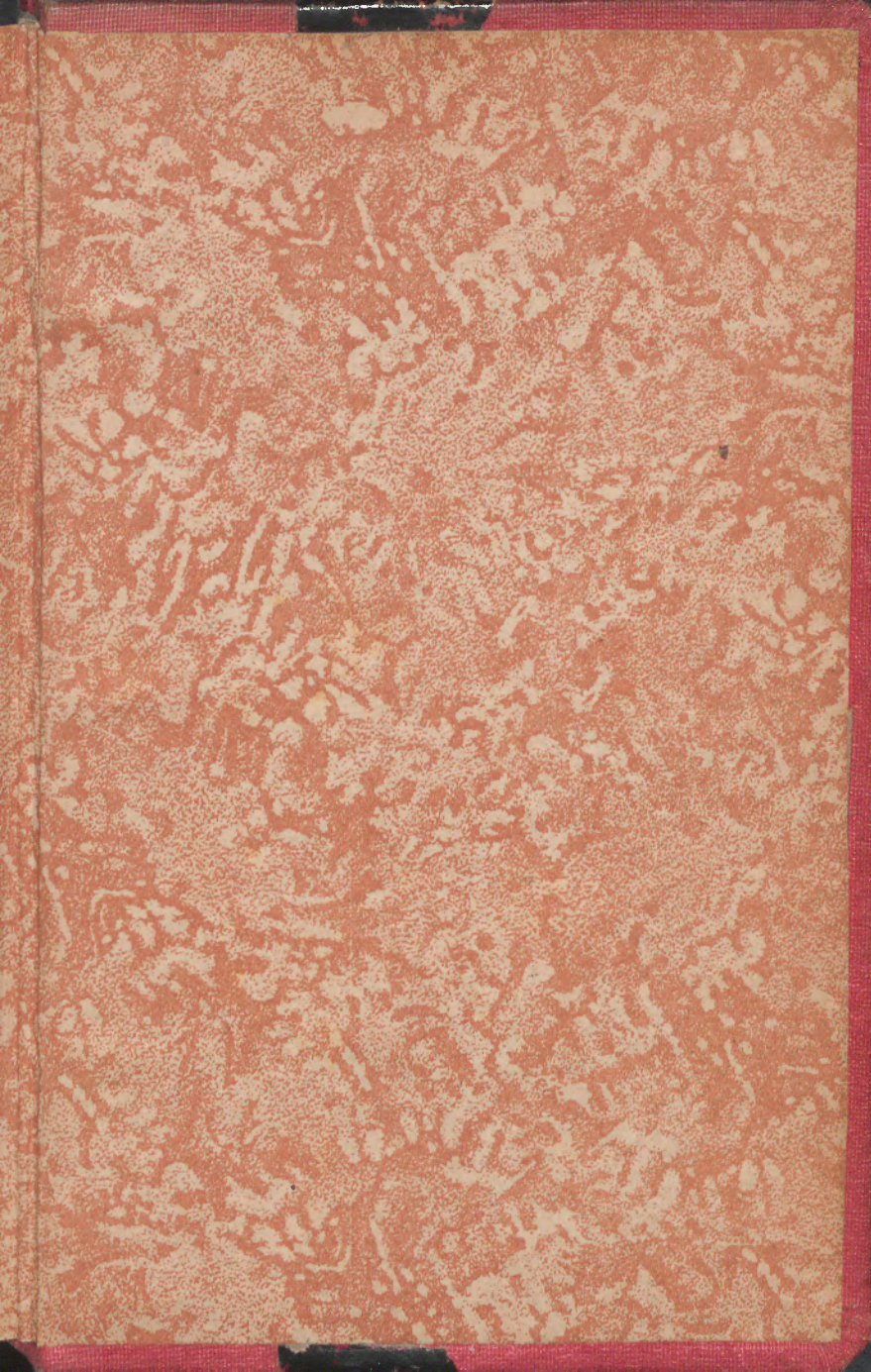
---

EM PREPARAÇÃO:

Estrophes bohemias — *variações da musa coimbrã*  
— 1 vol.







biblioteca  
municipal  
barcelos



5795

Versos da mocidade